

**“Avaliação da questão social, econômica e ambiental dos estudos realizados no Norte do Tocantins e Sul do Maranhão, abordando a influência das lavouras de soja em face dessas questões”.**

Elaborado por: Fabio Comin Biólogo – CRB1 31321/01d

**FUNDAMENTOS**

Com o intuito de identificar as potencialidades e problemáticas no entorno das Terras Indígenas Timbira, o Centro de Trabalho Indigenista com o apoio do Ministério de Meio Ambiente elaborou a proposta de estudo para a preservação de áreas extrativistas no entorno no sul do Maranhão e norte do Tocantins.

Os principais focos de atuação do Centro de Trabalho Indigenista – CTI - contemplam: 1º - *Monitoramento da regularização fundiária e programas de controle territorial*: envolvem atividades relacionadas com a identificação e delimitação de terras indígenas para o encaminhamento e monitoramento da regularização fundiária, demarcação e proteção das terras, e 2º - *Implantação de alternativas econômicas sustentáveis*: implementação de alternativas de desenvolvimento adequadas aos interesses dos povos indígenas. São projetos que investem no controle e uso exclusivo dos recursos naturais de suas terras, com o repasse de tecnologias simples e não predatórias, fomentando a coleta, processando e comercializando de produtos selecionados em acordo com critérios ambientais, sociais e econômicos.

Esse trabalho é concomitante da elaboração de um diagnóstico ambiental que identificou os pontos de maiores pressões no entorno das Terras Indígenas, que nos últimos anos, vem sofrendo com a expansão das fronteiras agrícolas ligadas às atividades da sojicultura, atividade que esta alterando profundamente a paisagem nos solos do Cerrado Brasileiro, ameaçando não só esse importantíssimo bioma como também suas populações.

O resultado consolida um Diagnóstico Ambiental Fundiário e Social, onde são apresentadas propostas para garantir a permanência dos pequenos produtores rurais em suas propriedades, alternativas de controle territoriais das Terras Indígenas Timbira e, a efetiva conservação do Cerrado Brasileiro.

## HISTÓRICO

A expansão da soja tem provocado a abertura de estradas na fronteira da área Krahô e principalmente, grandes desmatamentos do cerrado naquela região. Os pequenos produtores rurais têm vendido suas terras aos fazendeiros da soja, processo que tem se acelerado muito nestes últimos anos, esse processo vem acirrando uma desestruturação fundiária da agricultura familiar nessas áreas, uma grande perda da biodiversidade do cerrado com a destruição de recursos naturais. Esses fatores acarretam também prejuízos às áreas indígenas, que ficam expostas às invasões e degradação ambiental.

O sul do Maranhão e norte do Tocantins abriga grandes reservas nativas de bacuri (*Platonia insignes*), cujo fruto é extremamente valorizado no centro-norte brasileiro e cuja madeira é considerada de lei, sendo muito procurada. Grandes parcelas dessa espécie vegetal de grande valor econômico, encontram-se dentro de áreas indígenas, e outra grande parte encontra-se espalhada por uma região que vai de Pedro Afonso (TO), passando por Goiatins, Campos Lindos, Riachão, Carolina (MA), Estreito e Tocantinópolis, municípios que estão no entorno, ou próximos das áreas indígenas Krahô, Apinajé e Canela-Apanjekra, exatamente na rota de expansão da fronteira agrícola ligada ao agrobusiness da soja.

Os Timbira desenvolvem também um projeto sócio-ambiental para geração de renda e aproveitamento dos frutos nativos do cerrado, cujas perspectivas de sustentabilidade estarão totalmente comprometidas a continuar essa situação.

O presente relatório traz um levantamento e diagnóstico dessa região, que está sendo impactada pelo avanço da soja, tanto do ponto de vista ambiental, como do ponto de vista fundiário e social. A partir do resultado desse diagnóstico serão formuladas propostas alternativas para garantir a permanência dos pequenos produtores rurais em suas propriedades e efetiva conservação do cerrado.

## CONTEXTO

A região norte do Tocantins e sul do Maranhão porção leste da Amazônia Brasileira<sup>1</sup> objeto deste estudo, é a região onde estão inseridos os territórios indígenas Timbira, formada por índios, das Terras Indígenas Krahô, Gavião-Pykopjê, Krikati, Apinajé, Canela-Apãnjekra e Canela-Ramkokamekra grupos que desenvolvem desde 1993 o projeto "Frutos do Cerrado" em conjunto com a "Associação Vyty-Cati"<sup>2</sup>.

As atividades desse projeto estão direcionadas para a geração de renda, preservação da biodiversidade do cerrado e sustentabilidade econômica das aldeias envolvidas. Como matéria prima, são utilizados os frutos nativos que são beneficiados na forma de polpa congelada e assim comercializados. As organizações envolvidas no projeto fazem a coleta dos frutos principalmente o Bacuri (*Platonia insignes*)<sup>3</sup> e cuidam de viveiros de espécies nativas que são usados para adensar áreas já produtivas ou recuperar áreas desmatadas.

O projeto conta com uma unidade de processamento localizada na cidade de Carolina (MA), pertencente à Associação Vyty-Cati. Uma parte dos bacuris e outras espécies frutíferas de valor econômico como o caju, juçara, bacuri, buriti, cajá entre outras coletados pelas populações rurais são adquiridas pela FrutaSã<sup>4</sup> que processa em forma de polpa congelada e as comercializam.

A degradação ambiental, que vem ocorrendo no entorno das Terras Indígenas Timbira esta associada, além de outros fatores, à expansão da

---

<sup>1</sup> Conforme mapa da Amazônia Brasileira estabelecidas no Seminário de Macapá essas duas regiões estão abrangidas nas subdivisões das áreas do Araguaia/Tocantins/ Maranhão (Avaliação e Identificação de Ações Prioritárias para a Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade na Amazônia Brasileira, MMA/SBF, 2001).

<sup>2</sup> Vyty-Caty significa na língua timbira *Grande Casa*, essa Associação é representada por 14 aldeias Timbira, sendo, 4 aldeias Krahô, 4 aldeias Apinajé, 3 aldeias Gavião, 2 aldeias Krikati e 1 aldeia Canela.

<sup>3</sup> O bacuri (*P.insigenas*) é variável no tamanho, na cor e no sabor,é apreciado em estado natural, quer sob a forma de sorvetes, sucos, compotas e sobremesas em toda a Região Amazônica. Prolifera sem nenhuma dificuldade quer de sementes quer da brotação das raízes, em solo pobre, argiloso ou arenoso.

<sup>4</sup> agroindústria de propriedade da Vyty-Cati – Uma Associação dos índios Timbira. Para saber mais acesse: [www.trabalhoindigenista.org](http://www.trabalhoindigenista.org)

fronteira agrícola ligada às atividades da sojicultura, que não só comprometendo o bioma, mas também pondo em risco uma atividade econômica sustentada, prejudicando o povo do sertão e também as comunidades indígenas.

Essa expansão tem provocado grandes desmatamentos no cerrado, além de, exercerem uma forte pressão sobre os chamados "pequenos" produtores que ficam as margens do processo ou vendem suas terras. Além da "expansão agrícola degradatória", foram constatadas outras atividades prejudiciais ao ambiente como, carvoarias, pecuária extensiva, mineração, além das plantações de soja que estarão duplicando a área de plantio nos próximos anos, acelerando ainda mais a desertificação do Cerrado Brasileiro.

Na região estudada o cerrado é caracterizado por extensos chapadões, cobertos por uma vegetação de pequenas árvores retorcidas, dispersas em meio às gramíneas, popularmente chamadas de capim agreste. A fisionomia não é única em toda a sua extensão, ela é bastante diversificada, apresentando desde campos bem abertos, como os campos limpos de cerrado, até formas densas, como os cerradões, ocorrendo gradientes de variações, formando um mosaico constituído por campo limpo, campo cerrado, cerrado "stricto sensu", campo sujo e cerradão, onde em poucos km podemos encontrar todas essas fitofisionomias.

O Cerrado na região estudada, desempenha um papel fundamental na vida das famílias dos sertões, dada pela diversidade de plantas frutíferas. A pequena quantidade de frutas que algumas famílias colhem na safra representa significativamente uma parte de seus rendimentos, principalmente o Bacuri. Tendo em vista que grandes parcelas dessa planta encontram-se dentro de áreas indígenas e outra grande parte encontra-se espalhada por uma vasta região, o objetivo desse trabalho foi, diagnosticar onde há incidência do bacuri e outros frutos como: entre outros, cajá, jussara, bacaba, buriti, murici, caju e, as pressões que esses vem sofrendo, com a derrubada da vegetação nativa. Esse relatório técnico traz uma visão geral das regiões percorridas, onde o enfoque principal foi colher opiniões sobre assuntos relacionados com modo de vida e meio ambiente, onde estão inseridos os

atores sociais dessa região e é completado por outro relatório (relatório, parte I.), onde estão assinalados os dados quantitativos, seus mapas e respectivos anexos.

## **MÉTODO DE TRABALHO**

A proposta metodológica foi desenvolvida dentro das possibilidades reais considerando, o tempo de execução do trabalho. O exercício de diagnosticar ambientalmente as Terras no norte do Maranhão e Sul do Tocantins foi realizado em quarenta dias, através de visitas, identificando e relatando as atividades praticadas pelos proprietários rurais e o uso dos recursos ambientais, os recursos naturais existentes, as interferências causadas por ações antrópicas, principais regiões exploradas pelos sojicultores e suas interferências ambientais no cerrado.

A fase de Diagnóstico caracterizou-se pelo levantamento de campo e aquisição de materiais de apoio, contatos com atores sociais e pequenos produtores, reuniões com prefeituras municipais, comunidades e associações, definição de metodologia a ser empregada, planejamento, saídas a campo, sistematização das informações adquiridas e a produção do documento final.

Para as atividades de campo a equipe técnica do CTI, optou por adquirir mapas básicos, cartas planialtimétricas escala 1: 10000 e imagens de satélite da região. Estes materiais auxiliaram a equipe no planejamento de suas excursões a campo (rotas a serem percorridas), na posterior identificação dos caminhos percorridos, no mapeamento das formações vegetais, regiões onde há ocorrência de espécies frutíferas de valor econômico e dos locais onde foram realizadas as entrevistas. Para isso foi utilizado um GPS, onde os pontos registrados posteriormente foram plotados indicando em um mapa, os locais visitados e a ocorrência de pontos de maiores pressões sobre o potencial frutífero de cada região visitada (ver mapa geral em, relatório parte I).

O Diagnóstico Ambiental foi realizado em quarenta dias em campo, visitando as grandes propriedades (acima de 1000ha), médias propriedades (até 1000ha) e pequenas propriedades (menores que 300ha), além de reuniões em prefeituras e associações comunitárias e de produtores rurais.

As saídas de campo foram realizadas principalmente nas zonas rurais dos municípios de Itacajá, Goiatins, Santa Maria do Tocantins, Campos Lindos, Pedro Afonso, Recursolandia, Centenário, Carolina, Riachão, Fortaleza dos Nogueiras, Estreito, municípios das regiões sul do Maranhão e norte do Tocantins.

A partir de um roteiro semi-estruturado, foram coletadas junto aos entrevistados, informações ambientais e sociais mais detalhadas do uso suas terras: frutos nativos existentes e a utilização desses (comércio ou subsistência) uso de plantas que não são naturais do lugar e que foram introduzidas (coco, pinus, eucalipto, citros, etc); plantas com potencial para comercialização; plantas mais usadas; plantas em esgotamento animais e/ou rastros de animais encontrados com frequência; animais e/ou rastros de animais pouco encontrados; qualidade das áreas de roça (tamanho e forma de utilização); degradação ambiental; questões sociais como saúde e educação (ver roteiro de perguntas e resultados relatório parte I).

Os produtos finais foram apresentados e discutidos em reuniões realizadas no CTI e seus resultados estabelecem formas de monitoramento, controle territoriais e alternativas de sustentação. Todas as informações aqui sistematizadas, são resultados provenientes do "retrato" da situação atual em que se encontram as áreas visitadas.

Esse documento é completado por outro relatório técnico (relatório parte I) onde estão descritas a rotas percorridas, o resultados das entrevistas de campo, seus respectivos mapas e anexos.

## **RESULTADOS**

A pesquisa abrangeu um subconjunto bastante representativo, entrevistando cerca de 300 propriedades, três prefeituras e 17 associações.

Dentre desse contexto, os resultados descritos a seguir trazem os relatos obtidos em campo, feitos através de entrevistas e depoimentos dos principais atores sócias que contribuirão com esse trabalho (anexos: gravações, entrevistas e depoimento).

Além da sojicultura, foram diagnosticados também outros impactos, 1- ambientais, como, carvoarias, exploração de madeira, supressão de árvores nativas como aroeira e frutíferas como o Bacuri, entre outras; 2- sociais, como a falta de escolas, agentes de saúde, transporte; e 3- econômicos, falta de oportunidades para gerar renda, falta de apoio técnico e dificuldade por parte de várias associações de comunidades rurais com débito em bancos, causados por empréstimos mal feitos e sem acompanhamento monitorado por parte dos agentes financiadores.

A seguir são descritos trechos das entrevistas feitas em campo e a visão dos entrevistados referentes aos assuntos propostos.

### **1- Descrição fundiária, ambiental e usos:**

Das trezentas propriedades visitadas, em sua maioria apresentam áreas que variam de cinquenta a cento e cinquenta hectares, no entanto existem propriedades com áreas maiores, de cento e cinquenta a quatrocentos hectares e também os grandes latifúndios com propriedades com mais e mil hectares. Nas propriedades de até trezentos hectares o quadro geral é bem parecido, de uso do solo, diferenciando apenas na qualidade de vida e o modo em que essas pessoas utilizam a terra. Raramente encontra-se alguma propriedade a não ser os grandes latifúndios onde as terras foram trabalhadas com mecanização. Dessa forma, podemos destacar que a vida do pequeno produtor rural em sua maioria, nas pequenas propriedades, utilizam-se do método comum da região que é o corte-queima, roça de toco ou coivara. Os cultivos das pequenas propriedades são basicamente arroz, feijão, milho, as vezes feijão, e que são cultivadas para subsistência, plantam apenas para consumirem e raramente, ou em poucas oportunidades podemos perceber que as pessoas vendem algum desses produtos. Por outro lado podemos observar como são os quintais, dessas propriedades, quando a família é um pouco mais esclarecida, com um pouco mais de vontade podemos por assim dizer, tem em seus quintais algumas frutíferas como laranjas, manga, banana, cana, é

raras a presença de um canteiro com hortaliças, geralmente encontramos alguns pés de pimenta, e raramente tem flores.

Vejamos a seguir alguns depoimentos referentes ao uso das terras:

### **1.1- Uso da terra**

A forma com que os pequenos produtores trabalham a terra é peculiar para região, podemos perceber que a falta de apoio e informações, faz com que as atividades sejam executadas de forma empírica e tradicional, objetivando tão somente a agricultura de subsistência, conforme o relato a seguir:

©<sup>5</sup>...*Senhor José Alves de Carvalho (Zé Pequeno), como é que escolhe o local onde vai botar a roça, como é que escolhe a área onde vai plantar a roça?*

®<sup>6</sup>...*é um lugar assim que ta, encarrascado, bem fechado, para fazer o broque...*

©...*O que é o broque?*

®...*é roçar o mato fino, para depois derrubar aquelas árvores mais grossas, por que aqui não tem madeira de lei, por que aqui é chapada e, se pintar algumas como pintou na minha roça a co lá, eu deixei tudinho em pé, ta lá vivo, é importante não é?*

©...*Qual que é que ta lá em pé?*

®...*aroeira, pau-darco, um que chamam pau-de-arara, todos em deixei, deixe o angico também, ta tudo lá e a mandioca de baixo ta boa.*

©...*Mas como escolhe a área?*

®...*num lugar encarrascado, que seja assim, porque nesse lugar do campestre, limpo é fraco, só se for com adubo.*

©...*E da roça um ano só nesse lugar mais fraco, e no lugar mais encarrascado quanto tempo fica produzindo?*

®...*não, sem adubo, como nós bota rocinha no toco, tem vez que planta duas vezes, outras vez só um a vez mesmo, bota a mandioca ai vai arrancar, ai arranca ela daí o gado fica andando comendo as ramadas. Agora as árvores de lei eu mesmo deixei tudo lá, por que eu vou derrubar só pro fogo queimar, ai é um crime não é, então eu deixei. Essa é a regra do bom viver.*

Dona Maria, esposa do senhor Zé Pequeno fala do quintal:

®...*aqui tem acerola, pé de pimenta, tem goiaba, tem maracujá, tem alfavaca, mandioca para gente comer cozinhada com a carne, tem pé de lima, tem pé de laranja, tem a macaxeira, tem as laranja, o caju, para gente beber o suco, pé de coco, tem a erva cidreira pra remédio, a gente bebe o sumo, dizem que é bom para barriga inchada, e o chá mesmo com o beiju da tapioca, tem o pé de algodão para tirar a*

---

<sup>5</sup> © Entrevistador

<sup>6</sup> ® Entrevistado

*lãzinha para fazer pavio da lamparina para gastar com o oleozinho. Já planta aqui e já tem o pezinho de algodão para ter a lãzinha.*

Outra questão na vida das pessoas do sertão é a produção de farinha de mandioca, importante e tradicional alimento nessas paragens.

©... *Estamos aqui na propriedade do senhor Raimundo Teixeira Tavares, na fazenda São Raimundo. Vou perguntar aqui pro senhor Raimundo para ele contar um pouco da história da farinha, que vai contar como é o processo para se fazer farinha no município de Riachão/Maranhão.*

®...*...não doutor, é assim, aqui a gente arranca ela, você quer do começo do plantio?*

©...*Não, do jeito que o senhor quiser contar...*

®...*...não, pronto, a gente planta ela quando ta com um ano, mais de ano, daí em diante ela já ta em ponto da pessoa fazer farinha, ai arranca bota de molho, ela amolece e faz a farinha de puba, ou se não arranca, descasca e rela e faz a farinha seca, que é essa bem aqui. Ce tem que prensa até chegar o ponto dela poder passar na peneira depois põe ela no forno e torra.*

©...*Quanto de mandioca, dá quantos quilos de farinha?*

®...*...não, ainda não fizemos uma relação disso, não. Aqui o povo faz arranca e quando o povo vê que aquilo ali já da para ele*

©2...*Quantas cargas dá uma quarta?*

®...*...não, tem vez que uma carga dá, a mandioca sendo mandioca boa, toda raizona grossa, acostuma dar uma quarta.*

©...*Sessenta quilos de mandioca dá quarenta quilo de farinha. E essa farinha é para o consumo ou o senhor vende?*

®...*...é pra gente aqui de casa mesmo.*

©...*É pra todo ano, ou vai acabando vai fazendo?*

®...*...vai acabando, vai fazendo. Você faz uma camada como bem essa daí, ai vai come aquela, quando ta acabando pega e faz de novo. Como dizia meu pai... "vai fuçando e comendo logo" [risos]. A mandioca ta lá na roça, quando se quiser fazer de novo é só ir lá e tornar fazer farinha. A mandioca só completa mesmo depois de um ano, dois anos depois dela plantada na terra, ai que ela carrega as batatona.*

©...*A farinha é um produto básico na alimentação da população aqui na região?*

®...*...ah sim, direto, faltou farinha já esta uma falta grande na cozinha, na mesa né?*

©...*Isso desde que o senhor era criança, desde criança come farinha?*

®...*...é desde criança, a alimentação forte do Maranhense é a farinha, nasceu já começou a comer farinha.*

Da mesma forma, o senhor Carlos de Oliveira Bezerra faz comentários importantes para o uso e a sustentabilidade social, utilizando como principal fonte de renda a farinha de mandioca.

©...*Fala o nome do senhor, por favor.*

®...*Carlos de Oliveira Bezerra*

©...*Qual o nome da propriedade aqui, senhor Carlos?*

®...*fazenda Sítio Novo.*

©...*Conte esse processo da farinha, pra nós.*

®...então é o seguinte, essa terra aqui meu pai adquirio há muitos anos atrás e por ser um lugar difícil, não ser muito bom pra criar gado, ele sempre sofreu muito e as pessoas até desacreditavam, falavam pra gente sair daqui, e eu gostava daqui e quis ficar. Então eu comecei acreditar na mandioca, e fui criando uns porco e graças a deus hoje nós conseguimos cercar essa fazenda aqui do meu pai que são trezentos e sessenta e cinco hectares e ele nunca tinha podido fazer, cercamos, dividimos os mato das chapadas pra livra o gado da erva, mato que mata o gado, sabe? E a gente cria um pouquinho o gado e ta criando, então eu agradeço o gado e a mandioca, já conseguimos comprar u uma casa pra nossos filhos lá em Carolina, nossos filhos que moram lá e estudam. Nós não tinha nada, como rico não, mas de pobre nós temos, também construí essa casinha aqui, e vou ampliar agora nosso pasto.

©...A mandioca, o senhor vai, abre a roça e planta arroz primeiro ou planta mandioca direto?

®...não, a mandioca é assim, nossa maneira tradicional devido a gente não ter um trator para preparar a terra, a gente tem que fazer duas coisas numa só, então a gente planta o arroz, logo que planta o arroz, assim quando o arrozinho ta pequeno, logo com uns quinze dias ai a gente planta a mandioca junto.

©...Faz uma consorciação, não é?

®...isso, por que depois que tira o arroz a mandioca ta grande já, tira o arroz, limpa o mata ai ela toma de conta da terra.

©...E quantos anos leva pra mandioca ficar boa pra colher?

®...rapaz, dependendo do zelo com a mandioca e da terra, o banco dá dezoito meses, o Pronaf, é o prazo que a gente começa a pagar, mas eu posso dizer que a mandioca com um ano numa terra boa.....já serve para uma situação, mas o tempo da mandioca mesmo é dois anos e meio, se quiser ter um rendimento bom, mesmo que você não tenha muita mandioca, mas se zelar e começar com dois anos e meio você tem um rendimento bom.

©...Qual o tamanho da área do senhor, que tem mandioca?

®...é uma faixa de dois hectares...

©...Nesses dois hectares de mandioca seu Carlos, qual o processo de aproveitamento?

®...a gente arranca a mandioca, traz pra cá, outra coisa tamém, né. A gente conseguiu essa caixa ai pra botar mandioca descascada, além de aproveitar a casca que fica em casa, você lida menos, por que ao invés de você levar pra cacimba que á alguns metros mais longe, você bota aqui alguns metros, põe no carrinho de mão, tira a puba e já bota aqui e rala e leva direto pra prensa. Então as cascas com as tamoeiras que são aquelas mandioquinhas pequenas que fica, serve para dar a um porco, dar para galinha, gado e até a casca se você tiver precisando de um adubo você joga nos pé de planta e ali já ajuda tamém. Então a mandioca eu acredito nela, além dela ser um legume que vende, ela tamém é uma fatura, você consegue vende, você consegue criar galinha, engordar um porco, tudo co a mandioca.

©...Nesses dois hectares quanto dá em farinha?

®...rapaz, com essa mandioca minha, assim agora, que é uma mandioca que eu gostei, porque é uma mandioca assim bem formada, uma mandioca de rama grossa que segurou bem, eu não tenho uma idéia diretamente, as tenho assim uma base, aproximadamente umas quinhentas quartas de farinha.

©...Uma quarta tem quantos quilos?

®...uma quarta tem uma base de vinte e sete a trinta quilos, uma quarta são quarenta litros.

©...Então a farinha é um bom negócio?

®...eu acho.

©...Aquela historia de associação que o senhor estava comentando, que se as famílias se reunissem em associações e produzissem farinha, seria uma forma do povo do sertão ter um rendimento bom.

®...é porque as pessoas tem que ser informar mais e sair daquela maneira tradicional e dizer que não dá nada, basta a pessoa acreditar e ter vontade de crescer mais, por que é um bom investimento, por que pra mim, eu acho, e agradeço muito a deus e a mandioca, porque se em toda precisão você ter que vender o seu arroz, você vende o seu arroz, fica sem o arroz na sua dispensa e não dá nada, o milho do mesmo jeito, a mandioca não. Você botou a roça, com três anos você ainda tá colhendo e cultivando de novo, foi onde a gente arrancou primeiro e já plantou outra nova que tá com cinco meses.

©...E como é o processo de fabricação?

®...a gente pega a mandioca, descasca, rala. Ai você tem duas opção, a farinha puba ou a farinha branca. Eu prefiro mais a de puba por que dá menos trabalho. Então é três dias, rala, prensa ela, penará e já vai torrando. É esse o processo, é uma coisa de muito trabalho.

©...Mas é um produto de fácil comércio, não é?

®... sendo de boa qualidade, você tá com a farinha no saco é o mesmo que estar com o dinheiro no bolso, por que não falta quem queira comprar. A mandioca é o que eu sempre digo, não só, ampliar a oficina, mas tem que ter boa qualidade, porque hoje a concorrência tá grande, você tá com um artigo de primeira qualidade, chega outro com uma de segunda e terceira, você pode vender, mas só que o preço nunca vai alcançar aquele.

©...Quanto custa uma quarta de farinha hoje?

®...uma quarta de farinha agora, que é o tempo da cheia, porque de dezembro até maio é a época da cheia, que toda mandioca nova já tá servindo, então agora ela quebrou um pouco então tá na faixa de trinta no máximo trinta e cinco reais a quarta.

©...O senhor falou de farinha de boa qualidade, como seria a de boa qualidade?

®...primeiramente que seja igualadinha, que seja uma farinha igual, não seja azeda, não seja sapecada, que não tenha palha muita palha, ser bem torrada, são as qualidade, amarelinha essa é a qualidade mais importante.

©...Há quanto tempo o senhor produz farinha?

®...com o meu pai desde menino, mas quando eu tomei assim pra trabalhar pra mim mesmo foi depois que eu casei, de oitenta e um pra cá.

©...Nestes vinte anos a farinha contribui bastante para vida do senhor?

®...ah foi, o que eu tenho aqui eu agradeço a deus e a farinha.

©...É uma atividade que é cansativa, mas não se trabalha todo dia, não é?

®...verdade é compensativo. Outra coisa que eu tenho a dizer, é que até o tempo, a pessoa tendo sabedoria, ela aproveita melhor sua mandioca com mais rendimento, porque, no período das primeiras chuvas que é do final de setembro até outubro, a terra tá seca e a mandioca tá enxuta, quando chove daí uns quinze dias pra frente, aquela mandioca que produzia que uma carga de mandioca dava uma quarta de farinha, ela vai dar metade, porque ela tá aguada, ela não tem rendimento até novembro, então a pessoa podendo controlar suas despesas, e não ser preciso ele tá usando a mandioca nesse período, ele tá rendendo a mandioca dele. Então nessa época que a mandioca, a farinha mais dá dinheiro, se a pessoa puder fazer a farinha em junho, julho, pra armazenar, pra quando for nesse tempo ele já tá com ela feita, é isso aí que ajuda também.

©...A oferta de farinha diminui e a procura aumenta, nessa época.

®...aumenta, inclusive na fazenda aqui nós fazia de oito a dez carga de mandioca, tudo carga que passa de quarta, é uma carga que dá uma quarta e pouco, aí caiu, caiu, e eu fiquei esmurecido. Ai foi a época que chegou o bacuri, aí eu disse agora sim, eu parei a mandioca e segurei os quatro mês que a mandioca ficou sem rendimento, aí eu larguei a mandioca de mão e fiquei catando bacuri.

©....Então na época que o senhor fazia farinha de mandioca, e foi a época que começou o bacuri, que vai de novembro a janeiro. Daí o senhor começou a tirar o sustento do senhor com a coleta do bacuri?

®....lógico, com o bacuri.

©...Então na propriedade do senhor que tem trezentos e poucos hectares, o senhor tem, o gado, o porquinho a rocinha de subsistência, ganha dinheiro com a farinha na época da seca e com o bacuri na outra.

®....é, e tem também o coco que a gente vende também.

©...Isso é subsistência, da terra o senhor produz o que precisa pra se manter e ganhar um dinheirinho?

®....nós aqui não tem aposentadoria, nós tem que trabalhar para sobreviver.

©....Porque o senhor acha que tem pessoas que tem as mesmas condições do senhor e só reclamam?

®...eu posso até dizer, eu nunca morei em terra muito boa, barraria, mas se eu morasse numa terra boa eu plantaria assim muita banana, mas aqui não vai, a gente planta banana pro gasto. Mas a maior parte do povo, precisa dispartamento, precisa coragem, por que hoje não estamos mais naquele tempo de vinte, trinta anos atrás, que pra fazer uma quarta de farinha tinha que levar nas costa do animal.

©...O que o senhor chama de dispartamento?

®....dispartamento é a pessoa sentir que ta perdendo tempo, que ta atrasado na sua maneira de trabalhar. Porque a terra, eu até admiro, é um milagre que deus deixou, se planta o grão e daí quatro, cinco mês vem o produto, a abóbora, a batata, a mandioca, o feijão a fava, então é isso, ta tudo na mão do homem basta, falta a pessoa se dedica, por que ao invés de ta reclamando, se dedica do próprio trabalho dele, pra te um sustento.

©...Nas famílias que nós visitamos eu percebi isso, tem a terra mas não tem um pé de nada plantado no quintal, não tem um pezinho de nada, só faz a rocinha de arroz. O senhor acha que falta o que, um apoio, alguém que mostre o caminho, que fale você pode fazer assim, aproveitar isso, como o senhor vê essa questão?

®....falta. Duas coisas acontecem, uma parte das pessoas do sertão falta incentivo, uma comparação a gente vê, muitas pessoas na porta das prefeituras pedindo e a gente fica com dó da situação precária, uns porque são doentes, outra parte são pessoas que falta "dispartamento" falta incentivo. Tem que ter alguém que ajude ele, mostre como que da certo na terra, se aterra da mandioca ele tem que plantar mandioca, tem que mostrar o caminho, se a terra é boa pra milho, plante milho, tem que planta aquilo que ela dá. A maior parte do povo que vive no sertão precisa produzir, da pra te galinha, se vendo o ovo ou vende galinha.

©...Mas como ele vai criar galinha se a terra não da o milho.

®...se não da milho, da mandioca, daí ele vende a farinha e compra o milho, eu nunca tive milho e sempre tive galinha e ovo. Se você vende um saco de farinha desse ai, vou apurar a faixa de cinqüenta reais, uma quarta e meia, então eu compro uma quarta de milho e sobra dinheiro, se tem que ser esperto, compra milho e faz ração.

©...Quem o senhor acha que podia ajudar, como o senhor acha que deveria ser esse apoio?

®....eu acho que o homem do campo devia ser mais.....através de união, da Emater, ensinar algum modo da pessoa ter uma chance melhor na vida. Por que muitas vezes as pessoas precisam apenas incentivo. O Pronaf fica lá, e quem quiser que vá lá, tem que ajudar através de reunião, mostrar como é.

Eu acho mesmo, no meu ponto de vista que eu sou preocupado com a situação, tem pessoas que ta acabando com suas terras fazendo pasto, é bom fazer pasto e criar gado, mas o grão, produzir cereais é que é importante tamém, as pessoas desmatam a terra e fica sem ter onde plantar. Tem outra coisa, nossa região não é uma região rica mas tem pessoas trabalhadoras, nos não temos uma cooperativa, pra ter direito a

*um trator, pra arar ao menos um hectare para cada pessoa, porque quando acabou a mandioca você gradeia renova, usa o adubo e planta na mesma terra, que seja o feijão o arroz, o milho ou a mandioca, mas com ajuda do adubo e ela produz de novo, a invés da pessoa ficar só desmatando. Então tem que ter união.*

## **1.2- Os bacurizais na região de estudo.**

Na região diagnosticada, as atividades tradicionais de subsistência incluem também a safra de colheita do Bacuri, que vai geralmente de novembro a janeiro. É nessa época do ano que famílias inteiras se dedicam a essa atividade. O valor médio do milheiro (mil unidades) de bacuri varia em relação à região e oferta do fruto, mas é algo em torno de cinquenta reais.

Vejamos a seguir os depoimentos de compradores de bacuri nas regiões:

-de Goiatins-TO.

©...Gerailson , você compra bacuri na região?

®....Eu, como representante da Fruta Sã aqui no cerrado, compro bacuri a dois anos aqui, uma média de quarenta a cinquenta milheiro de bacuri e fora as outras famílias tem uma média de trinta família que vem do Goiatins, vem aqui junta bacuri tirar a massa e vende para os atravessador, eles tem no final da safra fuma média de mil reais por safra que eles tiram cada família. A área aqui é muito grande e tem uma média de dois mil pés de bacuri e é de quase uns dois mil hectares de terra e, é isso ai.

-de Carolina-MA

©...Gerailsom, com essa informação que a gente tem que essa área vai ser derrubada, se for o advento da soja que for ser implantado aqui, o que você acha que acontece com essas famílias que coletam bacuri aqui, eles irão conseguir trabalhar na soja, eles vão ter emprego, na própria derrubada, na própria extração de madeira, ou não, qual tua posição quanto a isso?

®...rapaz, o emprego não vai ter o desemprego, o maquinário que mexe com a soja, a soja depende só de maquinário, não depende de serviço braçal.

©... E na derrubada?

®....a derrubada é feita de correntão, com dois trator de esteira e vem as outras máquina fazendo as leras, né? Então o pequeno produtor rural não tem onde trabalhar dentro de uma plantação de soja.

©...E a madeira, o que é feito com amadeira?

®....a madeira tipo bacuri, sicupira, essas madeiras do cerrado que servem para móveis é tirada, a sicupira, o bacuri, o pequi, e a sicupira preta e tem outros muitos tipos de madeira aqui que serve para movelaria, serraria. Essas são tiradas de motosserra, é botada de guincho em riba dos caminhão, o resto da madeira eles não utilizam, eles só faz as leras põe fogo e , aquilo ali acabou e pronto. Ai o pequeno

*produtor não tem nenhuma chance de adquirir nenhuma renda através de soja aqui ao redor. Simplesmente ta tirando a renda deles que é o bacuri, o pequi para tirar azeite e outros frutos do cerrado que usa para alimentação da casa, isso vai ser destruído igualmente a gente vem vendo ai para traz.*

Outra localidade onde há enorme ocorrência do Bacuri é na Comunidade Agrícola de São Patrício, também no município de Carolina-MA.

© ...Gerailson, o que você achou aqui da Serra de São Patrício, em relação ao bacuri, em quantidade, em tamanhos de pés, fala pra gente?

® ....em termos de pés, tem de vários tamanhos , desde pequenos até pés produtor, e pelo que a gente ta vendo tem uma média de uns oitocentos pés de bacuri aqui. Uma média de trezentos e cinquenta e quatrocentos pés produzindo, pelo que a gente ta vendo

© ...E esses pés pequenos, você acredita que em quanto tempo eles vão estar produzindo?

® ...bom aqui tem pé de todo jeito, tem pé que vai produzir daqui a um dez anos , daqui seis anos, quatro anos e, tem pé que a gente pensa que não ta produzindo, no próximo ano já produz

©... E quais as medidas necessárias para manter esse local do jeito quais os cuidados que tem que ser tomados

® .... os cuidados tem que ser acera para que o fogo não entre, porque o fogo é o grande inimigo do bacuri, tanto os pequenos como os grandes

© ...Gerailson, nesses termos de oitocentos pés, é possível quantificar em milheiros, quantos milheiros, mais ou menos?

® ....rapaz em oitocentos pés produzindo é uma média de quatrocentos milheiros de bacuri

© ...Por ano?

®.... por safra

© ...A safra do bacuri tem quanto tempo ?

® ....Três meses

© ....A partir da florada

® ... a partir de quando ele começa cair

© ...começou a cair o fruto, tem três meses a safra

#### -de Campos Lindos-TO

©... senhor Sebastião Luis, você comprou quantos bacuris esse ano?

®...só de polpa eu comprei dois mil e quinhentos quilos

©...E quem são essas pessoas que vendem?

®...é tudo aqui da cidade.

©...Quantas famílias mais ou menos?

®....rapaz, tem tanta gente, eu geralmente eu compro, mais ai na rua tem uns seis compradores, tem o seu Jorge que compra, tem o baixinho, e quem vem coleta a gente nem sabe, por causa de tanta gente que tem.

©2...Sebastião, fala o nome dessa fazenda aqui e essa história que aconteceu a uns dois anos atrás, da derrubada.

®....eu não sei a data direitinho, o mês que foi derrubado, sei que esta com dois anos que foi derrubado, foi quinhentos hectares que iam plantar arroz e daí plantaram uns mais ou menos duzentos hectares.

©...Mas os bacuris foram preservados, mas como a gente pode ver muitos foram derrubados.

®...tem até um amigo meu seu..... que foi ele que derrubou aqui, não foi derrubado mais por causa dele e eu andei reclamando também ai eles ficaram com medo. Olha moço, naquele meio acolá era impinhado de bacuri, tinha até pé novo que tava começando a bota, ai derrubaro de mais. Geralmente em mil e quinhentos hectares tem cem de bacuri derrubado.

©...De quem é essa propriedade?

®...é do Geraldo Vaz é deputado ele.

©2...Fala um pouco da divisão aqui da terra do russo.

®....do russo é lá, são quinhentos hectares, que passou por esse desmatamento, desmataram um pouco mas os bacuri não derrubaram tudo.

®2....É mais ali a gente viu eles derrubando e tirando a madeira.

©...Então além da retirada da floresta há também exploração de madeira. E ali onde tem o mato, tem bacuri também?

®....naquele meio mundo! Tem moço, tudo aí tem, tudo é cheio de bacuri. Dois mil hectares só do Geraldo Vaz e mais quinhentos hectares dos russos.

©...Então são dois mil e quinhentos hectares numa região de grande oferta de bacuri.

©2...Quantas árvores tem mais ou menos aqui?

®....só lá tem um lugar ali, que para você contar mil é fácil. Lá ó, é só bacuri. Tem uma média de umas dez mil árvores produzindo.

©...Como que é feita a coleta, cada um pega o seu ou tem divisão?

®....é cada um vem aqui e pega, porque ele é deputado, ele não implicava com ninguém o dono, aí agora ele candidatou de novo, ai ele perdeu, agora ninguém panha, agora quem só vai pegar é o Bigode, porque ele é encarregado aqui também, porque trabalhou na política para ele.

Nas áreas onde ocorre a presença bacuri, ou já foi, ou está sendo especulada para formação da monocultura de soja. Esta relação soja/bacuri pode ser discutida afirmando que as áreas que as árvores do bacuri são indicadores de solos apropriados para o cultivo agrícola da soja, uma vez que nas áreas onde há mega plantações de soja, há ou houve a ocorrência do bacuri, esse fato foi constatado *in loco* e também em depoimento importantes que confirmam essa informação. Vejamos.

©...Vamos ouvir um pouco do Gerailsom a respeito dessa área que a gente esta, fala um pouco ai Gerailsom dessa região o que você percebeu em quantidade de bacuri

®...rapaz, a quantidade de bacuri aqui é muita, enorme, tanto pé pequeno, muda como você esta vendo, pé de bacuri que já ta produzindo, aqui pelo que eu to dando fé, é para mais de mil pés de bacuri. Agora que esta sendo ameaçado, né? Por que a soja ta ai perto de oito quilômetros, tem a fazenda Itacaiuna aqui que esta uma média de uns dez quilômetros e esse trecho aqui esta no meio dela, né? E logo-logo esta chegando a fazenda Brejão que é soja também, município de Carolina, né? Visto dessa riqueza que estamos tendo aqui no cerrado, uma árvore dessa chega a produzir até três milheiro de bacuri na safra, ela sozinha, agora imagine aquelas árvores ali, aquelas outra ali, seis árvore dessa produz uma média de quase doze milheiro de bacuri. Tudo árvore formada, com mais de quinze anos, vinte anos, trinta anos.

©... *Dessas árvores muitas foram derrubadas, para abrirem essa estrada.*

®....*pelo que nós estamos vendo a estrada de um comprimento desses e pela distancia de um pé de bacuri do outro dá pra imaginar o que foi tirado de pé de bacuri, né? Como a gente não esta vendo as árvores, eles derrubaram e carregaram a madeira, né? E essa madeira foi utilizada em serraria para fazer móveis por que é uma madeira muito rica.*

A devastação das áreas onde há a ocorrência de bacuri, altera significativamente o modo de vida de famílias inteiras, uma vez que, muitas dessas famílias têm na coleta de frutos a única fonte de adquirirem alguns trocados em espécie, pois, todos os entrevistados respondem que a forma de pagamento feita pelos compradores é em dinheiro e não por troca por outros produtos ou bens.

Outros fatos foram relatados como por exemplo, no município de Estreito e Carolina, mais precisamente na região do Rio Farinha, não há mais bacurizais, mas algumas pessoas informam que esses bacuris morreram por causa do fogo, como sabemos que o bacuri é uma planta que se propaga também pela regeneração das raízes, hoje há a ocorrência de muitos indivíduos novos, mas que poderão não atingir a fase adulta por falta de controle do fogo e ou manejo do solo, ou seja, as queimadas comuns no cerrado virão impedir que essas plantas jovens produzam frutos no futuro. Então nessa região, tanto na margem direita quanto esquerda do rio torna-se uma importante área pra se trabalhar a questão manejo do solo, informando e instruindo os moradores locais para que não deixem o fogo atingir esses bacuris novos, fazendo anualmente aceiro em volta dessas árvores.

### **1.3 Meio Ambiente**

Na região de estudo a relação homens do campo/natureza, se integram e resultam num ambiente equilibrado, no entanto, por envolver diretamente tentativas de uso indiscriminado, esse ambiente está ameaçado. As atividades que permitem um retorno econômico ou de subsistência através da utilização da fauna e flora está se tornando cada vez mais predatório, podendo reduzir drasticamente populações naturais inteiras, pelo simples fato de desconhecimento, falta de informações e vigilância.

Um exemplo disso, foi notado no sentido de Fortaleza dos Nogueiras onde nós cruzamos com várias pessoas de bicicleta ou a pé, portando armas de fogo, foram cerca de quinze pessoas com espingardas de carregar pela boca. A região é chamada de Serra da Grota Preta onde deve haver muita caça, a Serra da Grota Preta está em coordenadas 23m 0336884 utm 9217278 e a fitofisionomia da paisagem e de um Cerrado fechado com morrarias e morrotes baixos, sendo uma vasta região aparentemente pouco antropizada, uma região interessante para se pensar em reservas particulares, APAs, ou para outra categoria de preservação permanente.

### **1.3.1 Fauna e caça de subsistência.**

Os relatos de fauna e caça foram muitos, a exploração da fauna com finalidade alimentícia ocorrem em diferentes escalas, conforme a região e a abundância de espécies. Nas áreas percorridas, ao responderem as perguntas os entrevistados relatam os animais mais vistos e os animais menos vistos (ver relatório I), ou seja, animais que comumente aparecem e os que já não existem mais.

© .... Deusiram Gomes – Comunidade São Patrício, fale dos bichos que você já viu aqui no mato....

® .... vi onça, vi veado, vi catitu, tatu, já um monte de bicho por a

© ...quais onças?

® .... já vi onça preta, da vermelha..

© ... e vê com frequência, ou não

© ...não da tempo

© ...e rastro?

® .... viche, isso vê direto

© ...E outros bichos, veado, qual veado que é?

® ... a gente vê mateiro, catingueiro, galheiro

© ... e aves, passarinho?

® .... aqui nessa região tem o jacu verdadeiro vi todas as aves, vi anta

© ...anta, já viu rastro ou viu a anta?

® .... já vi rastro também, tem um lugar que chama perto do forno ali é onde elas fica mais.

Outro relato, em uma outra região:

©... *Eu estou aqui conversando com o Cremiltom, como chama aqui a propriedade?*

®...*rapaz, aqui chamam de Grotão*

©... *O Cremiltom vai contar um pouco pra gente sobre os bichos, as caças, o que ele já viu de bicho por aqui, bicho grande, bicho pequeno, fala um pouco, conter uma história...*

®...*rapaz, eu já vi muito bicho aqui, já vi, catitu, onça, só nunca vi foi anta aqui, veado mateiro, catingueiro, cutia, tatu, paca, esses bicho tudo eu já vi aqui.*

©...*Essa onça que você viu, qual onça que era?*

®...*era a onça vermelha do lombo preto.*

©...*É a suçuarana então.*

®...*é eu acho que era, né? Eu vi ela, eu tava apanhando bacuri, até pra vender pro Géra bem ai. Eu entrei num capão lá e enxerguei um pé de bacuri, subi nuns paus lá e enxerguei um pé de bacuri longe, ai eu fui lá. Antes de chegar lá, topei num mangote de catitu, quebrei um cupim assim e, joguei num ai eles correram e eu cheguei lá nos rumo de lá. Cheguei lá era um lugar limpo assim, era em riba e limpo assim por de baixo, lugar de taboca. Era aquele formigueirão de formiga, onde os catitu tava a fazer aqueles esporrerão e, ela tava em cima do pé de bacuri. Eu fui chegando, olhei assim pra cima e enxerguei ela, e eu me espantei, eu não andava com nadinha, só com um saco, nem com facão eu não andava. Ai, hora que eu dei fé dela, ela já tinha dado fé de mim já, ficou assim me olhando e eu olhando pra ela, ai ela pulou lá na frente e, deu assim uns três pulos e sumiu zoada, ai ela correu.*

©...*E era uma suçuarana?*

®...*Era!*

®...*Vê rastro de mais, vê eles mesmos, a gente vai caçar e topa com eles, as vezes que mata e as vezes que não mata. Catitu, veado, cotia, tatu, tudo a gente vê aqui. É onça, tudo a gente vê, anta a gente vê também, aqui anta tem muita, é a caça que o povo mais implica mesmo de a gente mata que é caça muito grande. O Ibama, viche-maria, implica de mais se matar ela.*

©...*Você já matou alguma anta?*

©...*Nunca!*

©...*Que bicho que você matou mais?*

®...*rapaz, o bicho que mais matei na minha vida foi caititu, veado eu só fiz matar três veado, eu não tenho sorte pra matar aquele bicho, não, não tenho sorte para matar veado, matei três veado só e, anta eu nunca matei anta, só a vi, mateiro eu nunca matei também, só vi eles assim no mato, veado mateiro.*

©...*E qual a melhor época par caçar?*

®...*rapaz, a melhor época para caçar é no tempo das esperas, na época do verão, né? Que ta as flor do pequi que a época é melhor, que a gente vai mais esperar, né? Quem gosta tanto de esperar, eu não gosto muito de esperar não, não aprecio muito esperar.*

©...*E de aves, os passarinhos, quais os passarinhos grandes que tem por aqui?*

®...*rapaz, de passarinho grande aqui tem quase tudo, quase todo tipo de passarinho que existe no mundo tem aqui.*

©...*Tem aqui [risos] fala ai alguns que tem por aqui?*

®...*aqui mesmo que eu tenho certeza que tem, tem ema, mutum, sariema, jacu, tucano, tem todos esses pássaros tem aqui, pelo menos assim que eu sei tem.*

©... *Fala o seu nome completo para mim!*

®...*Clemiltom Coimbra de Oliveira.*

Fator caça na região é uma atividade familiar, em muitos locais e muitas propriedades visitadas pais e filhos caçam juntos, como diversão e claro a

busca de alimento protéico. Caso do jovem que não estuda e caça todos os dias.

©...*Nós vamos ouvir aqui agora o Luciano contar uma história que tem aqui na propriedade.*

®...*Luciano Alves Teles, tenho dezessete anos, mas eu não moro nem aqui nem não, eu mora mais ali embaixo. Eu gosto de caçar mais de manhã, por que de manhã os bichos estão mais coisados.*

©...*E que época é melhor para caçar?*

®...*é, a melhor época para caçar é no verão, tem espécies.*

©...*E quais as espécies, quais as caças que mais dão aqui?*

®...*catitu, veado mesmo, paca, tatu, cotia, cotia tem demais.*

©...*Qual você gosta de caçar mais?*

®...*oh, catitu.*

©...*E é bom de come? Tem muito ou tem pouco?*

®...*tem demais.*

©...*E veado?*

®...*veado tem mais não é de montão, não, tem nos matos nos pés da serra.*

©...*Quais outros bichos que você vê aqui, vocês rastros, pegadas?*

®...*ema, onça.*

©...*A vermelha?*

®...*só vermelha.*

Não raro, ouvir relatos da existência de animais que estão na lista dos ameaçados de extinção:

©... *Senhor Messias Marinho, o lobo guará o senhor vê com frequência? Como é que é?*

®...*o lobo justamente por que ele já é bravo, a gente anda vendo ele, é certeza que tem aqui, mas é difícil você ver ele. A gente vê ele assim, tem as horas e ele é meio bravo, sempre a hora da gente vê ele é assim de tardezinha. Você ta bem aqui, daí um pouco dá uma chuva, daí na mesma hora você vê o rastro dele, essas horas assim de tardezinha, de manhãzinha de noite, essa é a hora dele, ele é um bicho. Então além das hidroelétricas prejudicar a população, prejudica ele também, pelo menos a paca, a capivara também, eu falei ou não falei da capivara, porque vários bichos que tem na beira do rio, tem que espana, porque aí fica difícil para eles.*

Ou até mesmo uma lista de várias espécies que ocorrem num mesmo local:

©...*Clóvis de Castro, quais os bichos que tem aqui?*

®...*é a paca, é o veado, é o caititu, a onça vermelha que é a suçuarana, tem a pintada, tem o tamanduá bandeira, tem o veado mateiro e catingueiro, o de chifre, suçupara aquele grandão não tem não, macaco tem de mais, de pena tem o mutum, tem jacu, tem jaó, ema.*

A fauna do Bioma do Cerrado é bem conhecida e muito rica. O que se conhece são, em geral espécies mais freqüentemente encontradas e citadas pelos entrevistados nas áreas de estudo como: caracará (*Polyborus plancus*), seriema (*Cariama cristata*), ema (*Rhea americana*), veado mateiro (*Mazama americana*), veado catingueiro (*Mazama gouazoubira*) veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), caitetu ou catiu (*Tayassu tajacu*) lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), suçuarana (*Puma concolor*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), anta (*Tapirus terrestris*), paca (*Agouti paca*).

### 1.3.2 Flora, desmatamento e extrativismo.

Em termos de riqueza de espécies, esta flora deve ser superada apenas pelas florestas amazônicas e pelas florestas atlânticas. O uso desta flora se relaciona com todas as atividades tradicionais de subsistência, uma vez que o modo de vida do sertanejo depende quase que exclusivamente da natureza, que seja para construir morada ou se curar de alguns males. Em um depoimento o senhor Zé Pequeno como é carinhosamente chamado relata mais de 20 espécies arbóreas num pequeno raio em volta de sua casa:

©...Estamos na propriedade do senhor Zé Pequeno, que vai nos falar um pouco da vegetação, das madeiras, dos paus, das árvores da região aqui.

®....tem aqui, sangue-de-tatu, cagaita, murici, pau-de-ponbo, candeia, sanbaíba, sucupira, folha-larga, pau-muleque, caxamorra, craiba, fava-danta, angelim, paparema, tarumã, berrin-d'água, pequi, quina, fava-de-bolota, bruto, cascavelim, qual que eu não falei, maçaranduba, essa ai eu falei aquela hora, magabeira-braba, pau-d'arco.

©...O pau-d'arco é o ipê, não é, dá flor?

®....dá, o barbatimão...

©....Característico do cerrado.

®.... o que tem aqui é bacuri,

©...Sucupira amarela, também!

®....que a folha serve até de remédio...

©...A folha da sucupira serve para remédio? Para que senhor?

®....serve, serve para gripe, botam na cachaça, é muito medicinal, serve para um bocado de tipo e, a casca também, tira uma rapa e faz..... , a fruta a gente sabe, ali

para baixo tem o murici-danta, tem a maçaroca, vai tudo aparecendo, por que aqui encostado em casa não tem todas, não.

©...Esse depoimento do senhor José é distante cinqüenta, sessenta metros da casa dele, onde ele mora. Podemos observar uma diversidade muito grande de espécies nessa localidade. Agora senhor José vai dar um depoimento da diversidade das espécies da mata de galeria.

®....ali tem o jatobá, tem a mucuiba, pode falar da Jussara, pode, jussara, tem o cachimbeiro, o, tem a canjiana, só se a gente tivesse lá perto para olhar, assim a gente esquece, tem outra, tem a bananinha que é uma árvore também grande que a paca come.

Os usos feitos com a vegetação do cerrado são muitos bem como as espécies utilizadas para as mais diversas atividades:

©...*Senhor Eupídio Ferreira Lima, fale um pouco das madeiras, dos paus que te por aqui, que o senhor usa?*

®...*tem a aroeira para fazer cerca de arame, o angico, tem o angico também aqui, não sei como é o nome que eles chamam lá, serve para, ai é madeira fraca ela não agüenta bem o chão não, mas dá como estaca, nós faz cerca de varão de roça, ai é um pau bom pra isso também. A gente também faz o curtume de curtir o coró do gado, a gente usa a casca do angico, tira a casca, bate ai vai fazendo aquela gosma pra curtir o couro, ai ela trava. Tem o gonçalo alves, esse gonçalo alves também, mas não é pau próprio pro chão, ele não agüenta ficar muito tempo no chão, ele serve para fazer um banco, uma travessa, fazer uma cerca onde ele não entra no chão, pelo menos um lance de curral. Tem o capitão do campo que é bom pra cerca de arame-farpado, ai vai indo, tem vários pau.*

©...*Como é o nome do ipê, aqui?*

®.... *o ipê é o pau-darco-roxo, tem o roxo e tem o branco, o amarelo não tem aqui, se tem nos chama de outro nome. Aqui tem também a mata e a chapada, a chapada tem muito caxamorra, a caxamorra também é muito boa pra arame.*

©...*Além dessas madeiras que o senhor falou que é para lida de casa, curral, cerca, tem alguma que usa pra remédio, tem?*

®....*tem, mas eu quase não sei não. A casca a aroeira o povo faz remédio, o pau-darco também fazem, pra negocio de inflamação ou coisa assim, principalmente as mulheres que gostam tirar a casca de uma madeira pra fazer um chá.....o angico também, o povo usa muito, .....tem o açoita-cavalo, a candeia, a candeia é tipo aroeira é um a madeira mais baixa.*

©...*E as palmeiras, como usa?*

®....*as palmeiras tem muito uso aqui também, tem os naja que a gente usa muito naja, tem o babaçu.....*

©...*A cobertura da casa do senhor é feita com o que?*

®...*é piaçava, é uma palmeirinha baixa que só sai a paia fora, o babaçu também, é essa paia bem aqui, o pessoal faz muito.....*

©...*Quanto tempo dura uma cobertura dessa?*

®....*da piaçava, se ela não der lagarta ela dura dez anos, quinze anos...*

Outra utilidade para algumas espécies é a fabricação artesanal de um tipo de cobertura de casa feita com cavacos de madeira, segue:

- ©...Alcebíades, esse telhado aqui, como é que é feito.  
 ®...ele é feito de uma madeira especial, não sabe?  
 ©...Que madeira que é?  
 ®...ela é o merim, a gente chama de merim..  
 ©...E tem muito aqui nessa região?  
 ®...aqui tem muito.  
 ©...Quantas árvores vocês derrubaram pra fazer esse telhado?  
 ®...certamente umas trinta ou quarenta.  
 ©...E dura quanto tempo um telhado desse?  
 ®...dura uns trinta, trinta e cinco anos.  
 ©...E aqui nessa região tem muitas casas feitas com esse tipo de telhado?  
 ®...aqui na região quase todas as casas são feitas com esse telhado, do tipo cavaco.  
 ©...Chama telhado de cavaco?  
 ®...é.  
 ©...E como é feito esses cavacos?  
 ®...a gente corta ela em toras de cinqüenta centímetros, ai racha no facão, ou de motor mesmo, motosserra, ai prepara até chegar o ponto de colocar no telhado.  
 ©...Pra derrubar essas trinta árvores, não pede pra ninguém, sem ter licença do Ibama, nada disso, não é?  
 ®...não, é só chegar e tirar.  
 ©...E o Ibama nunca falou nada?  
 ®...o Ibama nunca passou aqui não.

Mais uma vez o conhecimento empírico das espécies vegetais prevalece, devido as reais necessidades varias dessas espécies são comumente utilizadas. Muitas vezes essas espécies vegetais são exploradas de maneira indevida quer sejam, derrubadas como madeira de lei ou na forma de carvoarias. A seguir veremos um depoimento de um senhor que corta madeira:

- ©...Que madeira o senhor tira aqui Manoel Telemaco?  
 ®...qualquer uma.  
 ©...Dos paus bons, quais o senhor retira?  
 ®...é o pau-d'arco, é o tarumã, tem um bocado, para fazer peça assim é pau-d'arco é o tarumã, e outros paus também, a canjirana. Se for para curral o bom é a aroeira. Ai tem a região que tem a tauba...  
 ©...Nessa região aqui quais as madeiras boas?  
 ®...a aroeira, o pau-d'arco, tem a sucupira-amarela também, a sucupira é boa pra madeira de curral, o jatobá também é madeira pra toda coisa. Jatobá é esse bem aqui, ó, esse que ta bem na beira da estrada, ta bem na beirinha, aquele ali é o cedro. Que nem o cedro, é pra móveis, pra porta, que é aquele mais da frente.  
 ©...Hoje em dia como é, tem menos, diminuiu ou tem bastante ainda?  
 ®...quando o dono conserva, preserva, não é, ainda tem, mas aquele que quer vender. Tem esses aqui por que ele não vende, mas se fosse um pobre que queria o dinheiro dele, esse já tinha ido embora.  
 ©...Quanto é que custa um cedro desses?  
 ®...eles pagam por metro, eu não to nem sabendo, faz tempo que eu não vendo.  
 ©...Mais ou menos?  
 ®...mais ou menos uns vinte reais o metro.  
 ©...Esse cedro dá quantos metros.

®....ah, esse ai, vai dar uns seis a sete.

©...Então um cedro desse, chega a custar de cento e cinquenta à duzentos reais, só pra derrubar?

®....entregar ele bem ai pro cara carregar as toras. Tem um tempo um irmão meu vendeu de dez reais, há uns quatro anos atrás, esse ai ta uns vinte reais, vai da grossura também. Aqui nós prepara ele, da grossura que o rapaz que a peça, nós prepara ele na motosserra, só pra movelaria, só pra passar a plana e ajeitar. Esse motor aqui é da fazenda deu não gosto muito, eu gosto do cinquenta e um..... ai eu tiro a madeira arrumada.

©...Tem que ter alguma licença, ou o proprietário mandar derrubar, como é'?

®....não, aqui pra tirar uma madeirinha assim pra casa não precisa licença, não. A não ser que for tirar muita madeira mesmo, pra vender, ai precisa, mas só tirar madeira pra uma casa ou pro curral, não precisa.

©...Mas não tem nenhum problema com o Ibama, por exemplo?

®....não, se a fazenda é sua e você for tirar para fazer seu curral, nunca vi ninguém mexer com o Ibama, não.

©...Mas sabe de alguém que já foi multado?

®....só nas derrubada, de bastante, de um alqueire para frente, ai eles multam.

©...O senhor conhece alguém que tira bastante madeira aqui nessa região?

®....aquí assim mesmo não, eu conheço mesmo uns lá perto de casa tem, que tira pra vender, por aqui assim por perto já acabou. Tem o Valderi da madeira, aquele ali compra na região toda, mas lá pra casa tem, região que ainda tem, ali perto do Posto Fiscal, ce entra assim...

©...Tem bastante carvoaria ali, eu já fui lá nas carvoarias...

®....ali naquela região ali, ainda tem gente que vende madeira.

©...E essas tem licença, o senhor sabe ou não?

®....os rapaz que tirou lá, tirou pro Valderi, Valber e ele tem licença, o Ibama não mexe com ele não, ai pra ele vender para outra pessoa é que eu não sei, é ele que vai apanha, é tudo com ele, é todo controlado, mas qualquer pessoa compra...

©...E o senhor vem percebendo que tem bastante pau ainda ou esta diminuindo?

®...ta diminuindo muito.

©...Quanto tempo, mais ou menos tem um cedro desses, qual mais ou menos a idade desse cedro ai?

®....ah, moço ai tem demais, logo tem deles que a gente não sabe a base, por que tem deles que não forma muito, é velho e não forma. A gente conhece pelo âmago, quando a gente serra e o branco ta pouco, ai o âmago ta pouco ai a árvore é velha, por que tem pau com o jatobá dessa grossura que é novo e tem jatobá dessa grossura que é velho, o branco é só um tiquinho. Por que aqui, essa madeira que eles acham pra vende é esse jatobá, pra vender a prancha....a prancha que a gente chama a largura que não importa, é o que o pau der, e´a largura assim, tem que ser com sete centímetros, ai vende muito, por que já leva pra cerraria daquele jeito e lá faz o que quer dela.

©...Por exemplo, eu chego aqui e falo que quero comprar esse cedro ai, vou pagar vinte reais o metro....

®....e um velho, o velho Ubirajara velho, pai do .....ele tem uma fazenda pra cá do Alto Bonito, ele vendeu muito esse tipo de madeira, agora ele vendeu a fazenda não sei pra quem...

©....Quem?

®....o velo Ubirajara, velhinho, lá da fronteira.

©...Ele vendeu pra que, o senhor sabe?

®....não sei pra quem foi não...

©...Não, pra que?

®....ele vendeu pra criar gado mesmo, vendeu lá pro pessoal do Campos Lindos...

- ©....Será que não é pra soja?
- ®....não, lá é meio fraco pra soja, tem chapada e a chapada é meio ruim pra soja.
- ©...E essa região aqui pra soja?
- ®....também não presta não...
- ©...Por que?
- ®...ta vendo ai, é só chapada, é só areia, o que não é serra é areia. A não ser encima da serra, mas serra ai é um barro danado. Alguma chapada que você vê assim com um meio quilometro mais ou menos dura, o resto é aqueles tombadorzão.
- ©...Então essa região aqui não serve pra soja por ter muito areia, e madeira tem muito também?
- ®....tem em cima da serra, tem embaixo também, só que é a sucupira que é uma madeira muito boa pra tabua também.
- ©...E aroeira em cima da serra tem muita, a serra que o senhor fala, o que é?
- ®....essas serrinha, mas tem serra ai que é grande, tem muitos alqueires em cima, ai tem aroeira, tem jatobá, pau-d'arco.
- ©...É difícil de buscar?
- ®...difícil e buscar, precisa meter trator, abrir estrada pra subir. Eles tiram madeira de cima dessa serra assim...Eles puxam no boi ou puxa no trator pra beira do taiado e ai derriba no taiado, apanha embaixo. Eu já apanhei madeira ali na fazenda do João Teles, nós puxava no boi até na beira do taiado e jogava embaixo e apanhava.
- ©...E tem muita gente que tira madeira de moto serra?
- ®....tem muito lá na Carolina, muito mesmo.
- ©...E essa madeira fica em Carolina mesmo, ou sai do município?
- ®....sai, fica ai, de todo jeito acontece.
- ©...Quais as madeiras que tem mais valor?
- ®...aquela dali e o pau-d'arco, é a de mais valor.
- ©...O cedro e o pau-d'arco?
- ®....é, eles botam naquelas marcenaria ali e faz de tudo.

### 1.3.3- Turismo

Um outro fator importante abordado foi o turismo no município de Carolina/MA. Em parte essa atividade encontra-se ameaçada pelas construções de barragens no rio Tocantins e pela quase impossível construções de pequenas centrais hidroelétricas no rio Farinha. Vejamos a seguir como esse advento traz benefícios para dois moradores do sertão, que além da agricultura de subsistência exploram, quase sem nenhum conhecimento o turismo das cachoeiras.

- ©... Cachoeira de São Romão, fala o nome completo do senhor pra mim?
- ®....Jorge Marino Espindola.
- ©...Senhor Jorge, como é que chama a propriedade aqui?
- ®....Fazenda São Jorge.
- ©... E quanto tempo o senhor reside aqui?
- ®....cinquenta e nove anos.
- ©...É muito bonito aqui, essa cachoeira.... e o que o senhor acha daqui a região? Atrativo, tem um potencial, conte uma história para mim, de turismo, o que o senhor acha?

®...é, aqui é o seguinte, ninguém conhecia o turismo aqui, tem dez anos que foi divulgada, aí tem cinco anos que os turistas começaram a visitar, as cachoeiras, aqui a gente tem a tantos anos, mas aqui era lugar só da gente pescar, ninguém nunca pensava nisso, hoje tá, tem cinco anos que tem sido visitado de turista, e tá vindo turista visita ela aqui, e gosto muito, ele chama é o paraíso, e todos eles, todo turista que assina, contra as hidrelétricas, e são contra mesmo, não são a favor, ninguém é a favor.

©...Quando começou essa proposta de construir pequenas hidrelétricas?

®...tem dois anos.

©...E o senhor vai ser beneficiado de alguma forma?

®...até hoje nunca tive proposta nenhuma, sobre benefício de nada.

©...Em média quantos turistas recebe aqui por mês ou por final e semana que é feriadão, ou final de semana?

®...eu não sei direito, porque não conta, é mas que todo feriado do ano inteiro, de vinte até sessenta no feriado, também na semana santa, carnaval, qualquer feriado do mês, a gente recebe vinte, trinta até sessenta, até cem já recebi, e o mês de julho é direto, o mês todo, todo dia.

©...O senhor oferece pouso?

®...é ofereço um pouso eles, tem um frango caipira, tem a cervejinha, refrigerante é só isso.

©...Então com o advento da cachoeira e da visitação, o senhor tira um dinheirinho que ajuda?

®...ajuda muito, é uma coisa que tem me ajudado bastante, por que eu sou fraco de condição, vivo da rocinha, das quatro vacas que eu tenho, aí o turismo hoje me ajuda muito.

©...E os turistas daqui vem de onde seu Jorge?

®...vem de São Paulo, vem do rio de Janeiro, vem de São Luís, vem de Belém, Fortaleza, vem de Teresina, Paraíba, do Recife, Alagoas, Belo Horizonte, Coréia do Sul, Portugal já veio, Alemanha, Suíça.

©...Então é uma região bastante conhecida?

®...muito, aliás, do mundo inteiro, já tá vindo gente do mundo inteiro aqui.

©...A gente percebe que o senhor preserva.

®...aqui é preservado mesmo, aqui eu brigo muito, aqui é minha briga, eu converso muito com o povo, vão bora conserva, porque é o bem de nós, eu converso demais com o povo sobre isso. Por isso que eu não sou a favor dessa hidrelétrica, porque essa hidrelétrica não vem beneficia nada aqui. Eles querem construir uma hidrelétrica pra eles. A firma paranaense, eles querem construir uma hidrelétricas para eles, não é benefício da região, por isso eu não sou a favor de jeito nenhum, um dos motivos de não ser a favor, porque eles querem fazer e não é a benefício da região e por um outro lado, a gente nasceu e se criou aqui junto com essa beleza. A gente não quer ver ela devorada, todo mundo quer ver é desse jeito que ela tá, que ela é.

©...E a prefeitura, qual a posição da prefeitura de Carolina?

®...a prefeitura, de Carolina é assim, eu nunca conversei com a prefeita sobre essa hidrelétrica, eu nunca conversei, só sei das bocas dos outros que são a favor, mas eu mesmo num digo de verdade porque eu nunca conversei com eles, eu vo lá e num vejo eles, aí eu não sei, eu nunca conversei com eles, vejo, a conversa que eu vejo é que são a favor, aliás os vereadores eu tenho certeza que são a favor porque vieram aqui, e tão batalhando para sair. Agora o prefeito, a prefeita eu nunca conversei, nem com o do Estreito e nem a de Carolina, sei que são a favor, porque ouvi o povo dizer que eles são a favor, mas eu mesmo nunca recebi eles.

©...Daqui o senhor tira o ganha pão então?

®...dá para sobreviver quatro família, ajuda a manter as quatro famílias.

©...Energia elétrica o senhor não tem aqui não?

®...não tem, de jeito nenhum, tem esse motorzinho.

©...Estamos na cachoeira da Prata e vamos falar com o proprietário. Qual o nome do senhor completo?

®...Pedro Pereira Carneiro.

©...Seu Pedro, desde quando o pessoal começou a investigar aqui pra fazer essas hidroelétricas?

®....tem um ano e meio, eu não conheço eles, eu não conheço nada.

©...Eles falaram o que para o senhor?

®....eles falaram que iam fazer hidroelétrica aqui e que não ia acabar com a cachoeira.

©...A cachoeira continuaria, só iam fazer a barragem?

®...uma pequena barragemzinha, né?

©...E essa energia é pra cá mesmo ou não?

®.... a energia que vinha pra cá era outra que eles iam trazer, daqui pra...não sei dizer!

©...E a energia produzida aqui iria pra onde?

®....interligar na outra, na rede.

©...O senhor recebe quantos turistas aqui, mais ou menos por mês?

®....é pouquinho moço, não tem estrada então os turista não vem, tem mês que não recebe nenhum.

©...Mas num feriado, por exemplo?

®....até uns vinte, trinta.....

©...O senhor cobra alguma coisa?

®...não, não tenho uma estrutura pra cobrar, não to cobrando a entrada. A renda que eu tenho é do almoços, toma um refrigerante, uma cervejinha. A minha energia é gerada aqui mesmo, tenho uma roda d'água.

©...E o senhor tem interesse de trabalhar com turismo?

®....tenho.

©...O que dificulta o turismo aqui hoje?

®....é a condição financeira da gente, é a estrada, o principal é a estrada, não tem como o motorista chegar aqui, uma estrada boa, uma estrada piçarrada, aí ta resolvido o problema.

©...Quantos quilômetros estamos aqui da estrada principal?

®....trinta e dois.

©...De Carolina ou da estrada principal, de Carolina a Estreito?

®...é

©...E energia elétrica esta qual a distancia daqui?

®....mesmo tanto, passa do lado.

©...Se o pessoal vier aqui montar, o senhor é a favor, o senhor acha bom , o senhor acha ruim?

®....eu fico encima do muro.

©...mas o senhor tem interesse ou não tem?

®....deixa pra lá, não vou dizer que tenho interesse, nem que não tenho.

Os assuntos em questão referentes ao uso dos recursos naturais, considerando os contextos sócio-ambientais da região, não devem ser considerados predatório, a exemplo do conhecimento tradicional, o modo de

vida da população e das práticas aplicadas relativas ao meio ambiente, a exemplo do depoimento dos senhores Jorge e Pedro, que adquirem renda de uma das mais sustentáveis formas, o turismo.

Entretanto, essa constatação não exclui em hipótese alguma a necessidade de se aprimorar os conhecimentos referentes ao manejo e ao uso dos recursos naturais, conforme previstos em diversos mecanismos da legislação, como o próprio Código Florestal e as leis de Uso e Conservação do Solo e as Leis de Crimes Ambientais.

## **2- Aspectos socioeconômicos.**

As questões sociais e econômicas, nas áreas visitadas vem sofrendo há muito tempo os impactos causados por uma política excludente, de uma maneira geral, são os pequenos produtores/agricultores familiares que ficam a mercê do descaso e jogados a própria sorte do sertão.

Como o tema é muito amplo, busca-se, aqui, focalizar assuntos mais ligados à situação do avanço da Fronteira Agrícola com o plantio de grãos, a visão de alguns governos municipais e o caso das entidades civis. Hoje em dia o processo *expeculatório* no crescente fértil, trás a triste marca do descaso e o desrespeito ao pequeno produtor, causando problemas sociais já vivenciado em outras épocas e regiões. Quando questionado sobre as melhorias trazidas pela sojicultura o Senhor Manoel Taveira, pequeno produtor rural do município de Riachão-MA diz:

*"...melhorou em parte, por que o pequeno produtor se envaideceu em pegar sua pequena propriedade e vender para o pessoal usar a soja. O que aconteceu? Eles vieram para a periferia da cidade e hoje tão sem terra, com uma casinha e até passando fome, para você ver que deu um prejuízo nessa parte." ( Manoel Gomes Taveira)*

Dentre os municípios visitados nos dois estados, pode-se afirmar que, não há grandes variações entre o modo de vida desses atores, apesar de existirem povoados e áreas urbanas, as pessoas da zona rural estão

confinados em suas terras, vivendo basicamente da agricultura de subsistência, roça de toco ou coivara e de algumas poucas cabeças de gado, visitando as cidades raramente ou apenas em caso de necessidades extremas devido ao estado das estradas chamadas de "rodagens". Quando esses atores são questionados sobre o advento da soja, são unânimes em afirmar que "...é uma coisa muito boa...", "...é bom porque traz mais alimentos para nós...", ou ainda, "...é bom, pois abrem estradas...". A falta de informações dada a uma realidade no norte/nordeste brasileiro, aliada às problemáticas de vida dessas pessoas faz com que famílias inteiras vêem a soja como a salvação e melhoria de vida, devido às expectativas na melhora das estradas que levam para as "ruas" como chamam as cidades.

Quando alguns desses pequenos produtores se unem em associações para buscar financiamentos para cultivarem o solo e terem melhores rendimentos, caem na própria armadilha, uma vez que das dezesseis associações visitadas, oito estão inadimplentes e com débitos junto ao Banco do Nordeste, seis nunca realizaram ou tiveram apoio para implantar pequenos projetos e apenas duas desenvolvem atividades com apoio do Governo Federal.

## **2.1- Poder Público e meio ambiente.**

Das entrevistas realizadas com prefeitos municipais destacamos:

©...*Prefeitura municipal de Fortaleza do Nogueira no Estado do Maranhão. O senhor fala o nome completo do senhor para mim e o cargo que o senhor ocupa.*

®....*José Aquino Ribeiro, secretário de administração e recursos humanos desse município.*

©...*Senhor José, as principais atividades do município quais são? Economicamente.*

®....*as principais atividades econômicas do município são a agricultura e pecuária.*

©...*Mais é pecuária não é? O que se produz aqui no município?*

®....*mais agricultura, na área da agricultura nós temos a produção de grão, que é bastante vantajosa como a soja, o milho e feijão.*

©...*Essa safra fica no município ou é escoada?*

®....*ela é escoada.*

©...*Para onde? Para Balsas?*

®....*aqui o destino dela, sai daqui dessa região vai para Balsas, mas de Balsas ela volta aqui para Santa Inês para pegar de trem para poder ser escoada.*

©...*Essa questão da soja, quanto tempo tem a soja aqui no município?*

®....aqui no município já faz uns cinco anos.  
©...E são produtores daqui ou são pessoas de fora?  
®....não, mais pessoal de fora que vem com novas técnicas.  
©...O pessoal de fora que o senhor diz?  
®....de outros estados, do Sul e Sudeste.  
©...E a cindo anos eles estão produzindo soja? O senhor tem idéia do tamanho da área e da produção? Ou a quantidade que é produzida?  
®....os dados de produção, os dados eu não posso lhe informar só a secretária de agricultura do município.  
©...São grandes áreas de grandes propriedades! Não é agricultura familiar não? O pessoal veio pra cá, comprou. Nesses cinco anos, a gente ta no final de uma administração agora então a administração atual pegou todo esse avanço da cultura da soja. Em termos de melhoras, para os municípios quais foram?  
®....a gente sentiu que a própria arrecadação do ICMS também ela cresceu um pouco, hoje essas arrecadações estão sendo feitas não vamos ter mais uma cobrança que é do município.....e isso é um retorno que entra para o município e que direta e indiretamente ele será beneficiado.  
©...Esses pequenos produtores que estavam nas propriedades e que venderam as terras, vieram para cidade ou compraram outras terras?  
®....eles vieram para essa região aí chegaram se localizaram e compraram grandes áreas, se situaram, aí eles começaram.  
©...Não, os pequenos produtores que estavam nas áreas?  
®....os pequenos que estavam nas áreas foram vendendo para esses maiores que chegaram. Deixa eu te explicar, uma parte deles não venderam toda a área, e outros vieram para o centro urbano.  
©...Quanto habitantes têm no município?  
®....nós temos aqui onze mil duzentos e sessenta e quatro habitantes, zona rural e urbana. Na zona urbana nós temos uma base de cinquenta e cinco por cento.  
©...Área de cerrado preservada, em termos de área de conservação, áreas protegidas por lei, o município possui reserva permanente, APA?  
®....aqui em nosso município nós temos área que a gente tenta fazer conservação, mas é terrível pela falta de educação do próprio pessoal do município, que já chega e quer desmatar tudinho aquilo ali. Mas o nosso município se liga com o município de Mirador, que tem uma área que é o parque Nacional do Mirador, que nós fazemos parte.  
©...O parque Nacional do Mirador está dentro do município de Fortaleza?  
®....pega na região do município de Fortaleza do Nogueira, na divisa.  
©...Só para entender um pouco, essa área que dá divisa faz parte do parque?  
®....não só faz divisa.  
©...E teria interesse do município de aumentar o parque?  
®....interesse tem sim, porque ela é uma das melhores coisas que hoje a gente sempre tenta, nós temos um conselho aqui, de defesa ambiental do município, inclusive a gente faz parte, mas é difícil você transmitir a educação para as pessoa que ele saiba conservar, ou que ele queira fazer conservação.  
©...A gente vem notando no percurso que a gente vem correndo, mesmo que a população não está informada a respeito desta questão de conservação ambiental.  
®....é falta de conscientização da população, esse papel de conscientização as vezes é o mais difícil.  
©2...Em termos de localização onde está a soja aqui?  
®....nós temos aqui várias áreas de produção, nós temos aqui na zero, zero, meia, que vai para Balsas, nós temos também na Fazenda São João..... que é uma grande área, nós temos também a Fazenda Guairá, que fica também no nosso município, que são áreas grandes mesmo, Fazenda Cabeceira também.

©...A Fazenda Cabeceira é no sentido?

®....ah dá daqui uns trinta e cinco quilômetros, no sentido Balsas.

Outra entrevista foi realizada com o prefeito de Santa Maria do Tocantins/TO em conjunto com o pessoal da Associação São José e Soninho, na sede da Associação São José.

©...Senhor prefeito fale sobre a questão da soja para o município e para o meio ambiente?

®....hoje o produtor ta satisfeito com a soja, por que é lucro, é dinheiro, é dólar, que é bom para o estado, que é bom para o município, nessa parte arrecadar ICMS desenvolve a região, valorização das terras, mas tem o outro lado negativo que é o meio ambiente, nós somos preocupados com esse outro lado né, governo tem um órgão, lá em Goiatins que fica em cima do pessoal para preservar. Hoje o cerrado por ser desmatado trinta e cinco por cento, aqui na nossa região, outras região é cinquenta por cento.

©...Quantos por cento aqui?

®....Trinta e cinco por cento, tem que deixar de reserva legal, mas outras regiões é só cinquenta por cento, isso é um trabalho que a gente já ta preocupado com o desmatamento, a nascente dos córregos, esse projeto de frutas, frutas do cerrado, é muito bom e acho que tem que preservar o cerrado, o cerrado tem que ser preservado, nós temos sustentação, nós temos esse projeto do cerrado, pra ta provando hoje que o cerrado é sustentável com as frutas do cerrado, esse projeto é meio grande no estado do Tocantins, é o primeiro a ser implantado, e em Vanderlandia tem outro projeto desse. O governo tá de parabéns com esse trabalho, e graças as essas pessoas, mais o Ré, Deuzalina, a associação em si, que sempre batalharam para isso dá certo.

©...O senhor tem o número, não precisa ser exato, mas o numero de propriedades rurais no município?

®....os dados aqui de cabeça não temos, mas a gente já tem um levantamento desses, mas os dados assim de cabeça não tenho gravado.

©...E no entanto a maioria dessas propriedades rurais, é agricultura de subsistência ou é para comercio?

®....é de subsistência né.

©...Arroz, feijão, milho.....

®....arroz feijão, milho, roça de toco, mais subsistência, pecuária.

©...O senhor falou de subsistência, não sei quem pode me dar essa informação.

Quantos fornecedores tem a associação hoje, que fornece frutos para vocês?

®2....bom nós temos em média, em torno da associação, a gente tem umas trinta pessoas.

©...E tem potencial para aumentar essa recepção de frutas?

®2....muito, muito

®....eu responder aqui, por enquanto estão plantando só frutos nativos, todo mundo tem muito plantio, por enquanto estão colhendo só as nativas.

®3....plantio tem muito, plantio novo.

®2....plantas como açaí, buriti, bacaba.

©...E essa iniciativa de recompor ou incrementar o cerrado com as frutas nativas, foi uma iniciativa da prefeitura, da associação como é que foi isso?

®.... foi da associação, do frutos do cerrado.

©...A prefeitura tem como apoiar futuramente essa iniciativa?

®3....nós temos o apoio da prefeitura, primeiro por que a prefeitura foi o proponente, a prefeitura tem a contra partida, ela sempre incentiva.

©....A prefeitura proponente e associação executora?

®2....antes era.

©...Agora já tem mais de dois anos.

®2....Agora proponente é a associação, uma é proponente da outra, mas a prefeitura tem sim nos ajudado, nos apoiado sim graças a Deus, doou o terreno para implantação, o galpão também.....não na verdade foi uma negociação. A gente tem se dado bem.

©... Fora os frutos do cerrado tem outra culturas né, por exemplo abacaxi, caju, são muitos produtores que produzem?

®....abacaxi no município nós somos os primeiros, o abacaxi se adaptou bem na região.

©...E essa produção de abacaxi é escoada para onde?

®....vai pro Ceasa de São Paulo.

©...Para ser viável uma plantação de abacaxi que agente ta falando, quantos pé de abacaxi precisa para um pequeno produtor. Ele quer plantar abacaxi e quanto ele precisa pra ter um rendimento, qual o mínimo que ele precisa plantar?

®.... cerca de dois hectares, já dá para ele.

©...Em dois hectares ele teria quanto de fruta, o senhor tem noção.

®....uns cinqüenta mil pés, nós tamo vendendo hoje o abacaxi a cerca de um e vinte, dependendo a semana, hoje ta a sessenta, setenta centavos a unidade de primeira.

©...Seria de interesse da prefeitura, não atual mas pro futuro para as próprias gerações de Santa Maria, a criação de uma reserva extrativista, ou de uma unidade de conservação, de um parque. Por que unidade de conservação é uma área, que é dividida em várias categorias, de uso direto, indireto, e uma reserva extrativista é que pode ser explorada. A prefeitura tem alguma área, que sem terra devoluta, sem agricultura, que tem grandes áreas de cerrado, que seja da prefeitura.

®....não a prefeitura , não. A prefeitura não tem essas áreas, elas ficam tudo em áreas de particular.

©...Então o caso aqui seria mesmo uma reserva extrativista, que nada mais é que, uma grande área do bioma cerrado protegido, e que os produtores e moradores dessa área, recebem recursos e condições de explorar essa área, mas mantendo o cerrado em pé. Seria de interesse da prefeitura a criação de uma reserva extrativista no município?

®....sim.

©...Por aí vocês teriam o apoio do governo municipal, estadual e do governo federal e os beneficiários de imediato seria quem, diretamente os produtores. E há o interesse pela prefeitura?

®....sim tem interesse sim. Seria muito bom.

©...A população do município?

®....duzentos e vinte e cinco.

©...Urbana?

®....não, urbana e rural.

©...Urbana e rural juntas?

®....isso segundo o senso de 2001

©...Bom isso já dá para ter uma noção de população rural, quantos por cento disso?

®....a população mesmo, está em torno de trinta por cento.

©...Todas essas propriedades, elas são atendidas com saúde, escola, transporte escolar?

®....saúde, escola, transporte escolar em algumas, por que pela distância colocamos escolas em uma propriedade.

©...Em um município, uma propriedade que as outras mais próximas se articulam para ir.

®.... o problema nosso hoje, é o êxodo rural, um problema seriíssimo que nós temos aqui. Eles deixam suas propriedades para vir para cidade, aí chega aqui não tem emprego, não tem qualidade de vida, casa, moradia essas coisas, porque não temos pra o pequeno produtor hoje, ainda ta faltando no sentido....

©...Então uma reserva extrativista seria um grande incentivo, aliado, para o cara ficar no campo, tendo condições de manter o campo, tendo também condições de através de uma associação como a Frutasã de tá recebendo essas frutas. E alguém quer perguntar alguma coisa, o senhor quer perguntar alguma coisa para gente, quer saber alguma coisa, fica a vontade, pode falar. Eu precisava perguntar mais uma coisa que me falhou.

®2....até que esse problema que o Reginaldo, falou sobre o êxodo rural, era uma das maiores preocupação da gente, por que na época mesmo de surgir o frutos do cerrado, quando no começo ninguém acreditava muito né.... e depois foi que a visam deles foi alargando mais, e eles foram vendo, por que se eles viessem de lá para cá, quem é que iria ficar lá trabalhando na propriedade, então tanto o PPP e o PDA ele ajudou a fixar o produtor lá, muita gente veio né, problema de filhos, estudar, e tudo, tudo, e uma coisa boa que a prefeitura está fazendo é o seguinte, é colocando escola mesmo sem um número correto de alunos, e isso tem um custo, colocando escola lá, por que colocando escola lá, o pai e o filho ficam lá né, e quando tira escola, e hoje a gente sabe que a prioridade é educação, aí eles tão vindo de lá pra cá, e aí chega aqui, é igual ele falou, não tem emprego, a qualidade de vida, aqui em Santa Maria a maioria da população veio da zona rural, pouquíssimas pessoas aqui eram daqui, moravam aqui, por que aqui a cidade é bem juvenzinha, dez anos né, mas esses dois projetos ajudaram o produtor fincar base lá, trabalhando e tendo retorno, agora que eles estão vendo o retorno, começando a acreditar, porque é um trabalho lento que a gente faz, não é um trabalho de curto prazo, é de longo prazo....

©...Médio e longo prazo....

®2....a coisa muito difícil é você conscientizar as pessoas, mudar sabe a mente das pessoas, não é fácil não.

©...Hoje, hoje quais são as maiores dificuldades que o município enfrenta para obter recursos, ou quais os problemas do município de Santa Maria, além do êxodo rural, das estradas....quais as maiores dificuldades que o senhor enfrenta na administração atual?

®....a questão fundamental é as estradas, o município é pequeno, não tem máquina adequada para fazer estrada, quando nós entramos na prefeitura o município tava carente nessa área do pequeno produtor, transporte é outro lado mais que tá pesando muito em certas regiões é o transporte, nós temos nossos carros hoje e nós fazemos o transporte, então se o pequeno produtor lá precisa de carro, nós mandamos o carro fazer o transporte, sendo aí um ônus para o pequeno produtor, uma caminhonete, um caminhão, que faz esse tipo de transporte, para a pessoa produzir lá, farinha, arroz, tudo lá, milha, ela precisa desse tipo de transporte....

©2...A prefeitura dá assistência?

®....a prefeitura dá assistência, e outra dificuldade é que a área rural é muito extensa. Na parte da educação nós temos dificuldade muito grande, porque tem pouca gente, poucas pessoa, digo alunos, crianças para gente colocar uma escola, as vezes nós temos escola lá com seis alunos, que pra o MEC isso aí nós não podemos fazer, colocar uma escola dessa com seis alunos, no mínimo dez.

©...E também fica inviável ir buscar seis alunos para trazer para cá e levar.....

®....fica inviável, mais o transporte para ir buscar três ou quatro aluno, no espaço de quarenta ou setenta quilômetros....

©...Na verdade não é que fica inviável, é que fica muito caro isso, então é mais vantagem, mandar um professor ficar lá uma semana.

®....nós não temos recurso para isso, inclusive nós já temos transporte numas quatro, cinco regiões, temos transporte, temos uma VAM e uma camioneta, porque as estradas são meio ruim, então tem que ter uma camioneta para puxar, isso é até um problemas para as crianças, mas já conseguimos comprar um ônibus, e vai dando assistência.

©...O senhor falou de três associações aqui, uma que trabalha com frutos, quais seriam as outras?

®....a ta a Soninho, e a São José, que também trabalha com fruta.

©...Ah, as três trabalham com frutos.

®2....as três.

®....inclusive a Santa Rosa, nós conseguimos com um convenio, com o meio ambiente, a preservação do cerrado, já tem um projetinho lá.

®2....lá é FNMA....

©...E já ta acontecendo já?

®2....já ta acontecendo, já ta terminando já, inclusive as mudas eles levaram daqui, foram dez mil pés de fruta para lá.

©...E qual a associação que é?

®....Santa Rosa.

©...E é longe daqui, é perto?

®....das uns quinze , uns vinte kilometros.....

©...Que tem o apoio do FNMA.

®....é....

©...A associação Soninho e São José teve o apoio de quem?

®2....PDA e PPP.

©...PDA e PPP.

®2....PDA segundo ano, aliás, assim, porque cada projeto durou dois anos, e o PPP um ano.

©...E do PDA são grande projetos?

®2....são grandes projetos.

©...E do PPP?

®2....do PPP, foi pequeno, pequenos projetos, que o apoio é de pequenos projetos.

©...E tem outros projetos encaminhados para o ministério?

®2....bom, ainda não ,mas a gente ta pensando agora em PPP de novo, uma nova etapa, esse para consolidar o que a gente conseguiu e PDA também, sistematização, que também não vai ser agora, é só pensamento que a gente ainda ta.....

©...Esses projetos que são financiados pelo governo federal, eles atendem quantas pessoas diretamente, com cursos, com formação...

®2....bom, é umas cinqüenta, cinqüenta pessoas, atende mais, mas dependendo tamanho do grupo, da associação, mas menos do que dez, quinze.

©...E já teve algum curso, palestra, seminários, como que é feito?

®2....já, vários, vários cursos já teve né, principalmente na área da educação, educação ambiental, comercialização de produto, sempre tem curso, sempre, inclusive os doces aqui que se produz, partiram de cursos, e começou trouxemos pessoas de fora, parceria com Sebrae, parceria com ....., foi dado o curso, e esses são os resultados que a gente já tendo, de alguns cursos que foram dados, são produtos já.

©...Seria possível então uma parceria entre as três associações, não seria, para fixar o homem na terra e atender a demanda desse pessoal, seria uma coisa viável essa união das três, cada uma no seu segmento, mas com um objetivo comum das três e mais a prefeitura?

®.... é e até mais associação, tem mais associação também.

®2....tem mais associação, inclusive dia quinze e dezesseis de março aconteceu uma reunião de intercâmbio entre as associações do município, aqui em Santa Maria, que era para realmente a gente ver isso, porque nosso objetivo é detectar onde tem pessoas da região que tem fruta, então agente começou pelas associações, nesse dia aqui participaram sete associações, daqui do município, e o que a gente queria era isso, montar uma parceria entre elas, porque a gente poderia, é.....bom, a gente não sabe ainda como, porque é uma idéia ainda recém criada, nova, mas o que a gente deseja é isso, montar uma parceria onde todas possam participar da produção, trazer produção para cá, ser beneficiada pela associação aqui, porque na verdade aqui é um pólo, um pólo de produção, a gente aumentar cada vez mais.

©2...Senhor prefeito, quanto tem essas reunião das associações, essas palestras e tal, você ou ministério da agricultura, tá acompanhando esses projetos dessas associações, o serviço dessas mulheres, o apoio que elas precisa, a secretaria da agricultura sempre tá ali ajudando, incentivando ajudando elas a incentiva os pequenos produtores permanecer lá no seu local, mostrando pra eles o que é a realidade do município aqui dentro da cidade, como é que é a participação da prefeitura sobre essas reuniões aqui das associações?

®....sempre a prefeitura, diretamente ou indiretamente, ela tem uma participação, as vezes ela manda um funcionário, inclusive o pessoal da associação é muito ligado ao pessoal da prefeitura, a mim, o prefeito, e a gente fazemos essa parceria, e sempre o que chegou ao nosso alcance, a gente tem atendido, não é da melhor forma possível, que aí vai da condição da prefeitura, mas eu acho que buscamos a melhor forma pra atender as associações.

## **2.2- Sojicultura na região de estudo**

A entrevista a seguir traz um resgate histórico de 1973 com a chegada da sojicultura no sul do Estado do Maranhão e Norte de Tocantins, até a situação atual:

©...Sede da Associação do Pequenos Produtores Rurais de Picos, a gente vai ouvir um pouco do senhor Manoel sobre o solo da região em relação a soja. Senhor Manoel falando um pouco da soja, a opinião dele, o que ele acha, se tem ou não condições para se ter soja. Ele vai contar um pouco dessa história pra gente.

®....o primeiro campo agrícola que foi plantado soja no município, quero dizer na região de balsas, foi na fazenda Estiva no município de Riachão. E daí por diante, eles foram se alarmando e hoje já tá executando mais ou menos uma média de quarenta por cento do cerrado do município de Riachão. O cerrado do município de Riachão dá trezentos quilômetros da cidade ligando ao fim do município ligando ao Tocantins, da trezentos quilômetros é muito chão e o município é muito grande e bastante produtivo. Tem soja em quase todo cerrado do município do Riachão e toda região do sul do Maranhão. Mas eu quero falar do Riachão que é o nosso município, onde moro ha mais de cinqüenta ano e, a soja vem levantando muito bem a agricultura no sul do Maranhão, tanto quanto a gente vê por ai. Agora mesmo nos tivemos uma reunião com o pessoal do senado e da agricultura, da secretaria de agricultura do Maranhão, no Sindicato rural de Riachão no qual eu sou o vice-presidente..e eles disseram que Riachão esta em primeiro lugar, é o primeiro município que tem mais soja plantada no

*sul do Maranhão, portanto nos temos essa grande capacidade de cerrado bom, no nosso município, na nossa região. Ela tem produzido bastante, por que depois da soja o agricultor passa a utilizar a pastagem, para os animais, para o boi, para gado. Então, essa região nossa aqui, esse lado do município pra cá e pecuária, é barraria, cria uma pecuária muito boa.*

©...*De Riachão pra cá, no sentido Carolina, não é?*

®...*é pra Carolina é pecuária, tanto é que nosso município hoje continua o maior criador de gado no estado do Maranhão. Maranhão no segundo lugar no nordeste e Riachão no quarto lugar no estado do Maranhão, cria muito gado, tanto quanto com relação ao investimento que nos recebemos do banco, o que foi investido em gado foi pra frente e, o que foi no outro sentido não foi pra frente.*

©...*a região aqui que o senhor falou que é barraria, não é propícia para plantação de soja?*

®...*não é propícia pra plantação de soja, por que quando chove bem dificulta a penetração da máquina e quando se trata de agricultura mecanizada, é tratada com máquina pra preparar a terra, plantar e colher, então a barraria não serve, só pra pecuária.*

©...*Então a barraria é uma região do cerrado e na região por aqui que vai se manter em pé? Pois o cerrado não vai ser destruído pra plantar soja, já que não dá, então é uma área que vai ser conservada a vegetação no região de Barraria, que é diferente da região da chapada, que o pessoal tira tudo e planta arroz e depois vai plantar soja... O que o senhor acha dessa retirada da vegetação do cerrado, por que quem planta soja na verdade são os grandes produtores, a agricultura familiar também contribuição na plantação de soja, mas o que o senhor acha da retirada da vegetação do cerrado para se plantar soja? Não poderia aproveitar de outra forma?*

®...*não o cerrado, eu digo assim, pra soja na nossa região não dá por que é muita barraria, tem o cerrado, não resta dúvida mas é pequeno e pra plantar soja tem que ser um campo com quinhentos, dois mil hectares.*

©...*Seu Manoel vai fazer um depoimento do início do ciclo da soja no município de Riachão, onde na oportunidade ele era vereador em hum mil novecentos e setenta e três. Ele vai contar uma história pra gente aqui.*

®...*pois bem, primeiro eu recebi um ofício da Secretaria de Agricultura do Governo do Rio Grande do Sul.*

®...*Senhor era vereador?*

©...*eu era vereador e presidente da câmara de vereadores de Riachão, me procurando se eu podia como informar, quais eram as melhores produções, que.....se explorasse o município de Riachão. Então eu dei a resposta que aceitava, informar. Ai eles me mandaram uns formulários e eu e meus colegas da câmara e uns produtores rurais, preenchemos os formulários e devolvemos. Baseados no que nos dissemos, eles já vieram, um pessoal da secretaria da agricultura e também alguns produtores de soja lá da região. Me procuraram e quiseram saber também se a direção do poder legislativo e executivo aceitava a implantação desse projeto no nosso município.*

©...*Esse projeto era o quê?*

®...*era a soja, a verdade é que a câmara de vereadores aprovou, mas quando chegou ao prefeito que era o poder executivo, o poder maior, ele não aceitou.*

©...*Por que não?*

®...*a resposta dele foi que nós íamos entregar os bens da nossa comunidade Riachoense para os forasteiros, que vinham do Rio Grande do Sul, vinham de São Paulo só nos atrapalhar. Com muito debate foi decidido que não aceitava e , eu tive que ir ao município de Balsas onde, o presidente da câmara municipal de Balsas era meu amigo, meu colega, e o prefeito muito meu amigo também, que eu confiava mais nele do que nesse do Riachão, e o prefeito aceitou, tanto quanto isso tudo ta montado*

em Balsas. Aquilo que veio pro Riachão e que passou para Balsas, foi pelo motivo que o prefeito, ex-prefeito do tempo não aceitou que ficasse aqui

©2...(Bianca)...E como era o nome desse ex-prefeito?

®....era o Raimundo Martins Bringel.

©...Seu Manoel, e a chegada da soja, do advento da soja no município de Riachão, foi a partir de quando?

®....foi nessas eras já de, ficou por oitenta, oitenta e cinco e, foi alastrando, foi tal, na era de noventa já tava mais ou menos equilibrada, e hoje cada dia ela vem aumentando mais. Ai abrangeu todos os municípios da região de Riachão até Barão do Grajaú, pegando essa estrada que vai pra Floriano, quer dizer que é um cerrado só. Daqui, pegando do Riachão até o Barão do Grajaú é um cerrado só, nessa estrada que vai para Floriano, ta toda cultivada de soja, e pra lá é mais novo, a cultura é mais nova, a mais velha é essa nossa daqui do Riachão. Ela se abriu até.. Fortaleza dos Nogueiras, pra lá também não da por que é barraria, Grajaú é barraria, e foi até Alto Parnaíba.....Fagundes e Alto Parnaíba.

©...Essa vinda da soja pro município de Riachão, como o senhor já foi vereador, o senhor acha que melhorou a vida das pessoas nas comunidades ou não alterou muito? O pequeno produtor foi beneficiado com a vinda da soja ou não?

®...melhorou em parte, por que o pequeno produtor se envaideceu em pegar sua pequena propriedade e vender para o pessoal usar a soja. O que aconteceu? Eles vieram para a periferia da cidade e hoje tão sem terra, com uma casinha e até passando fome, para você ver que deu um prejuízo nessa parte. Mas quando se trata de arrecadação, que é o atributo que levanta o município, o estado e o país, foi lá para cima, nós estamos exportando hoje, ninguém sabe a quantidade de milhões toneladas de soja. Só a fazenda da Sudam, no ano passado ela tava colhendo trezentos hectares de soja por dia, ela tinha vinte e seis máquinas colheitadeiras colhendo soja dia e noite.

©...Quem era?

®....era a fazenda da Sudam, é deixa eu ver se eu lembro o nome...no Alto Parnaíba, não lembro o nome da fazenda financiada pela Sudam.

©...Então no caso dos pequenos produtores, eles foram prejudicados, e hoje quanto vale mais ou menos o hectare?

®...o hectare varia do terreno, se for um terreno bom pra soja ele tem um valor de duzentos e cinquenta até mil reais.

©...O cerrado bom pra soja, qual é?

®...é aquela terra sólida, não tem areia nem muito barro.

©...Nesse cerrado que o senhor fala que é bom para soja, quais as espécies de madeira, de pau que existe?

®...é madeira muito fraca, é caxamorra, pau-de-terra, pequi, as madeiras de lei mais rica é o bacuri que é respeitado também.

©...É respeitado como?

®...não se pode derrubar.

©...Não derruba?

®....não, quero dizer, eu quero ser muito franco e que setenta por cento dos produtores não olham pra isso, o Ibama procura fiscalizar, mas nunca da conta. Eu sou contra de mais a exploração das madeiras de lei, tem um vizinho aqui que já foi até multado pelo Ibama e sempre a minha área é preservada, por onde eu vou andando eu vou deixando aroeira, amadeira de lei eu vou deixando toda ela.

©...Hoje em dia quantos por cento no município de Riachão já foi derrubado para o cultivo da soja? O senhor tem uma idéia?

®....dá aproximadamente a área de cerrado que é utilizada para a soja já foi explorada mais ou menos setenta e oito por cento.

©...De área que tem potencial para soja?

®...é muito bem cultivado e tem produção, e tem produção a altura só aproveitando eles trabalham com a técnica. Agora a gente vê meus senhores que a agricultura é a coisa melhor do mundo. Por que o melhor que tem no mundo para viver é a natureza e nós que somos a natureza que foi Deus que fez e que no deixou.

A seguir uma entrevista com o posicionamento de um índio Krahô realizada durante uma palestra a referente a "Gestão Territorial" para jovens índios Timbira.

©...O que vocês acham das plantações de soja no entorno da terra indígena?

®....pra nós fica meio difícil por causa a contaminações do rio que desce até aqui e pega essas três aldeias, o perigo é só a contaminação.

©...E vocês acham que tem contaminação de água?

®....eu acho.

©...Contamina com o que?

®....eu acho que eles contaminam com produto químico e veneno é o principal, que usas pra matar os capim, árvores...

©...O que acontece com a caça, onde tem essas plantações de soja? Por que era cerrado, daí tirou o cerrado, ai tinha caça, o que aconteceu com essa caça?

®....a caça saiu e foi procurar outros lugares que tem cerrado, né? Por que onde eles tava vivendo foi desmatado ai eles saiu, talvez atravessou o rio ou caçou outro lugar para ficar. Essa daqui é perto de Recursolandia, que fica na beira do Gameleiro, dezoito quilometro da aldeia Morro do Boi, então essa plantação de soja era bem perto da aldeia, que a gente escutava as maquina trabalhando aqui, escutava a zoada. Nessa aqui a Funai já tinha passado e disse que já foi parado, parou de não fazer mais.

©...A Funai passou e entrevistou ai?

®... é, e não estão mais plantado, ele já tinha plantado uma, tinha coletado e depois que nós descobriu, não teve a segunda safra.

Outro importante depoimento que obtivemos foi no município de Campos Lindos, segue:

©...*Senhor António Rodrigues quando começou a exploração da soja aqui no município de Campos Lindos?*

®....há treze anos, nós somos os pioneiros, mas há cinco anos atrás que o pessoal começou a comprar terra aqui e, de uns três a nos que o governo trouxe esse pessoal de fora, para começar esse projeto.....você planta em novembro aqui é certeza de sucesso, não tem risco, por causa do clima, o fotoperiodismo é diferente, então tudo isso faz com que a soja produza bem aqui, mas tem que plantar em novembro. A maioria das pessoas que vieram agora é pessoas capitalizadas, então tudo isso que tem aqui na Serra do Centro, são pessoas que construíram com recursos próprios, então quando se usa recursos próprios se começa a pensar em produtividade. Porque é dinheiro do bolso dele e não é dinheiro do governo, por isso que é um sucesso aqui e tema as duas multinacionais com quatro meses, a Bangüê e a Cargil.

©...A bangüê e a Cargil estão a quatro meses aqui?

®....quatro meses, e pra o próximo ano vão aumentar trinta por cento a área de plantio, e a terra aqui deu uma disparada de preço incrível.

©...Quanto está o hectare aqui hoje?

®....não tem mais terra para vender, e quem tem não vende, já compraram tudo, teve grupos grandes aí que compraram. Aqui aconteceu o seguinte, as multinacionais vieram e compraram tudo, e quando entra multinacional, o serviço é bem feito, porque as multinacionais não vão montar por montar.

©...E o escoamento dessa soja senhor.

®....ta fácil, ta aqui, Araguaina, o pessoal do governo do Tocantins no máximo em um ano vai asfaltar tudo, hoje está sendo por Balsa mas todo mundo sabe que não é o melhor, então vai asfaltar até Araguaina, por isso que as multinacionais se instalaram lá, porque o governo vai levar asfalto até elas, daqui lá são penas vinte quilômetros.

©...Soja transgênica, já que liberou safra desse ano, como é que fica aqui?

®....liberou no Sul do país.....mas aqui a soja transgênica ta começando, e outra coisa o pessoal tem suas reservas e o mercado compra, o mercado Asiático, Europeu preferem a soja tradicional, não estão pagando ainda, daqui a pouco vão pagar mais.

©...Quantos anos se pode produzir soja nesse município?

®....é ilimitado, a tecnologia mostra hoje que você pode planar um ano gramínea e depois voltar com a soja, ou senão você planta milho, vamos supor que a soja dê cinqüenta sacas por hectare, você fazendo uma rotação de cultura no próximo ano você colhe dez sacos a mais por hectares, sem considerar que aquilo vai diminuir as pragas e as doenças.

©...Conta um pouco essa estória que o senhor plantou fruto do Cerrado.

®....a eu plantei bacuri e cupuaçu, porque é um mercado fabuloso, a fruta mais gostosa que tem no Cerrado é o cupuaçu. Eu plantei, é uma planta nativa, árvore bonita, madeira boa, aí eu peguei semente mas nem sempre nasce, as vezes demora um ano, mas eu plantei direto no campo, dez por dez, eu plantei uns setenta hectares, plantei umas setecentas árvores de bacuri.

©...A concessão, a licença do IBAMA para derrubada do Cerrado é feita pelo governo do Estado do Tocantins, se bem que é IBAMA é federal, mas é esse trâmite?

®....é muito demorado, só para você ter uma idéia até agora a terra lá em cima não tem escritura definitiva por causa do IBAMA, entra um governo e coloca um cara para trabalhar e o cara não faz bem feito. Acho que isso não é bom gravar.

©...Pode falar.

®....não, não, não, não grave isso não.

©...Pode falar.

®....isso é meio particular, aquilo lá é um cabide de emprego bom, o cara vai lá e diz, vamos fazer isso? Pode deixar que eu faço. Eu faço um pacto com um particular aí, dá um dinheiro para o cara, aí daí alguns meses vai ver o que foi feito ta mal feito ou não tem valor, ou o cara foi transferido, aí entra outro e pede mais dinheiro e esse negócio não acaba nunca.

©...Mas a concessão para derrubada aqui na Serra do Centro saiu?

®....saiu porque o governador interferiu, mas isso foi na época do militar, agora você não pode mais fazer isso.

©...Então se quiser abrir quatro mil hectares hoje, não abre?

®....não, tem que ir lá, mas é demorado.

©...A bangüê e a Cargil tem quantas áreas plantadas?

®....não eles são compradores, eles só compram, eles abriram agora há uns quatro meses atrás e em noventa dias eles construíram as duas unidades.

©...As duas unidades foram construídas em noventa dias?

®....noventa, eram quinhentas pessoas trabalhando dia e noite. Depois de pronta já começou a safra.

©....Ali não processa nada apenas seca e carrega

®....só seca e mais nada, fatura uma nota violenta, tiram um desconto de umidade, impureza e sobra muito dinheiro pra eles.

O senhor Hunberto Lucena do município de Estreito relata:

©...O senhor falou da soja, no município de Estreito tem grandes produtores de soja?

®....aquí só tem um produtor que produz soja no município, um holandês.

©....O senhor sabe onde é essa propriedade?

®....sei, iche, aqui logo aqui próximo, tem uma área e daqui a uns cinquenta quilômetros tem outra.

©...O que o senhor acha da sojicultura?

®....eu, pra mim é assim, eu vejo hoje, agora ta tendo a agrobalsa, eu to vendo discuti a questão da soja, e eu não acho vantagem, porque? A primeira é que pra produzir a soja tem que devastar, tem que acabar com outros certos tipos de cultura, o município de Estreito não é um município que tem área disponível, igual tem em Balsa, Chapadinha que ta começando, grandes áreas. Aquí no município de Estreito, independente da área desse japonês<sup>7</sup> ai, a não ser que o fazendeiro troque grandes áreas de pecuária pela soja, mas aqui não existe grandes áreas que pode ser explorada, eu não defendo projetos de produção de soja, porque o único projeto que tem no município ele tem causado vários danos ao meio ambiente, pois tem afetado diretamente quatro ribeirão que são formado no município, numa área mais alta em que foi plantado soja em seiscentos alqueire, e é nessa área que começa quatro ribeirões. É uma grande área, mas em relação ao projeto de Balsa é muito pequeno é insignificante, mas causa danos.

As dimensões do plantio cresceram muito nessa fase mais recente de expansão da fronteira agrícola. Na região diagnosticada, registra-se a existência de plantio com 20 mil hectares contínuos de soja, onde a empresa pulveriza agrotóxicos de avião. Essa pulverização tem contaminado nascentes e plantios de pequenos agricultores da região, levando-os à impossibilidade de continuar sobrevivendo nesses locais.

### **2.3- Associações e comunidades**

Nas atividades de campo estavam previstos contatos com organizações de entidades civis, a maioria das associações visitadas não possuem estrutura técnica nem mesmo objetivo específicos. As associações de pequenos produtores rurais em sua maioria, foram criadas com intuito de facilitar negociações de financiamentos junto ao PRONAF e Banco do Nordeste, para desenvolverem certas atividades previstas, mas sem um acompanhamento

---

<sup>7</sup> A área é Fazenda St<sup>a</sup>. Izabel de propriedade de Y. Watanabe, arrendada para um holandês que produz soja, essa área esta georeferenciada. Coordenadas 23m 0241800 utm 9269190..

técnico muitas dessas associações não tiveram como investir esses recursos de maneira apropriada, causando perdas aos associados e deixando-as inadimplentes, impossibilitadas de adquirirem novos recursos. Entre as várias entidades visitadas as únicas que vem desenvolvendo atividades periódicas são a Associação São José<sup>8</sup>, Associação Soninho e COPAEMA, remanescentes do Projeto Frutos do Cerrado. Vejamos a situação de alguns casos:

- Associação da Comunidade São Patrício:

©...Anísio, como presidente da associação, da comunidade São Patrício, o que você pretende que no futuro aconteça, quais suas expectativas de futuro, de melhoria, que tipo de apoio.

® ....primeiro de tudo nos vamos precisar do apoio do prefeito de Carolina, a gente vai precisar do apoio dele, em segundo a gente vai precisar conversar com o pessoal do Banco do Nordeste para ver se a gente renegocia as dívidas, e eles dar meios e condições para gente trabalhar, reerguer essa comunidade, se não vai ficar meio difícil

© ...A dívida é de quanto?

® .... a dívida é de quinhentos mil...

© ... Que foi deixada...

® ...que foi deixada pelos outros anteriores que moravam aqui.

© ...Quais as perspectiva para o futuro da comunidade, vocês almejam chegar a que ponto, qual o objetivo, vocês querem chegar a que ponto, o que vocês pretendem?

® .... a gente pretende chegar a ponto de plantar arroz bastante, plantar ao menos duzentos hectares de arroz, fazer uma horta de mais ou menos de um hectare, fazer o projeto desse abacaxi que saio agora e tem bastante pasto, que tem mais ou menos uns duzentos hectares de pasto e nós vamos alugar o pasto e criar gado de meia, que é pra achar meio para produzir.

- Associação de Pequenos Produtores Rurais de São José dos Pereiras.

©...Reunião na Associação de Pequenos Produtores Rurais de São José dos Pereiras onde vamos ouvir o presidente residente Paulo Lucena Mota falando um pouco a associação.

®...as reuniões aqui é todo começo de mês, os proprietários são mais ou menos uns dez e na reunião sempre tem muita gente, o objetivo de projeto nunca veio e nos sempre lutamos, por que não vamos desistir.

©...E quanto aos frutos do cerrado como é feito esse negocio, é individual?

®....sobre os frutos do cerrado nós nunca combinamos, nos temos um projeto para fazer uma casa, nos arruamos um lote, uma sede, para nos fazer, por que depois da sede, ai fica bom, por que a gente pode comprar um freezer, agora o bom mesmo era se agente reunisse a associação para comprar e pra ter algum lucro.

©...São José dos Pereiras faz parte de que município?

®...município de Carolina!

©...Vocês já conversaram com o prefeito, e como é a atuação do prefeito de Carolina aqui nessa parte com vocês?

---

<sup>8</sup> as atividades realizadas pro essa associação já foram citadas no tópico Poder Público e Meio Ambiente.

®...rapaz, com a prefeita aqui até não, quando era o outro prefeito ele quis desviar dinheiro para nos, dinheiro que veio no banco ele queria desviar para ver se caía um pouco para nos aqui, .....mas ai não deu certo. Agora essa outra não ela é mais desligada um pouco, não dão muita assistência não, mas sobre isso a gente nem cobra muito, não é e se a gente não cobrar não vem.

©...Qual a posição da associação diante dessa questão da soja, que esta ai chegando, vocês acham importante, acham que é uma coisa boa ou ruim?

®...ô, soja é muito bom, é um projeto deles ai por que tem muita gente, tem esses gaúchos que tem ai, tão tudo procurando terra para produzir mais, produzir mais, acho que o rendimento é bom, né?

©...Quanto vale hoje aqui em São Pedro um hectare de terra?

®....o hectare aqui na terra meia fraca é cem reais o hectare, cento e cinqüenta, a terra boa vai valer duzentos e cinqüenta o hectare da terra boa.

©...Terra boa, o que é terra boa?

®...pra nos aqui que mexe com lavoura é a barraria, a agora para eles que mexe com a soja é o cerrado,..... agora a nossa é uma barraria que serve para fazer pasto, ai é mais melhor a terra.

©...E essa devastação do cerrado, essa retirada do cerrado para plantar soja, l você acha isso bom ou ruim?

®....é o desmatamento?

©...É!

®...rapaz, pro bem dizer, hoje dizem que não pode mais desmatar e se não desmatar não tem nada, como é que o povo produz. E, como eu digo, ninguém pode ficar sem fazer, tem uma matona ai, não pode fazer uma roça de toco, não pode fazer no trator, ai eu fico sem ter, tem essa lei ai mas é lei de lá e eu não sei. De tudo ..... quem pode fazer no trator faz, quem não pode faz no toco pra ter o que comer, do meu ponto de vista é assim. Que eles desmatam muito esse povo ai, meio mundo de chão.

## -COPAEMA

©...O senhor Humberto Lucena vai contar um pouco da história da COPAEMA.

®....A Copaema é igual a varias outra cooperativas, a partir do plano que não tava amadurecido o cooperativismo e hoje a gente encontra dificuldade, principalmente na participação dos sócios, a conscientização por que é uma coisa voltada muito para a agricultura tradicional, então, para mudar isso e transformar a mentalidade deles é difícil. Outra coisa que nos temos dificuldade é a assistência técnica. Logo quando a gente começou a realizar um projeto os órgão que se propôs a dar assistência não permaneceram, não foi permanente.

©...Quanto tempo existe a Copaema?

®....ela foi criada em noventa e dois. Ela funciona assim, nos temos um tratorzinho que sempre trabalha nas roças dos sócios, tem um viveiro que continua desde de quando trabalhamos no projeto Frutos do Cerrado.

©...Quantos sócios são?

®....são setenta e oito sócios, mas que permanecem ativos são vinte e cinco. E aquela história, colaboração entre a cooperativa e os sócios existe, só que é muito pequena, não é em escala comercial. A gente tem na sede um armazém, mas que não armazena a produção do sócio porque é muito pouca, tem o transporte da cooperativa, para quando tem uma produção a cooperativa busca.

©...Essa produção seria do que?

®....arroz, banana, farinha...

©2...Qual era a relação da Copaema com os Frutos do Cerrado?

®....a relação é que a gente trabalhou, essa parceria teve o financiamento pra comprar implemento, equipamento, e a gente trabalhou e continua agora, mas parou porque a gente procurou trabalhar exclusivamente com a Fruta Sã, e a primeira etapa que a gente repassou fruta lá pra fábrica, a gente não teve retorno, por que a Fruta Sã também tava experimentando.

©...E quais eram os frutos que vocês forneciam?

®....era o bacuri, caju, cajá.

©2...Então quer dizer que vocês não receberam da fábrica?

®....não recebemos, porque quando foi no final, que teve uma assembléia da rede, Rede Frutos do Cerrado em que foi apresentado o relatório só deu prejuízo. Depois nos tivemos vendo a segunda fase com o como é o nome dele? Um baixinho, alemão ...o Miguel a gente viu que não tinha mais como, porque o veículo, a toyota que foi financiada pro projeto ela foi furtada ai não tivemos mais como trabalhar com a Fruta Sã.

©...E hoje em dia tem o interesse da Copaema trabalhar com a Fruta Sã e com os frutos do cerrado?

®....tem, o principal plano da Copaema é o extrativismo, inclusive tem campo, na base da cooperativa tem uns sessenta hectares de caju, em fase de produção, começando a produzir, mas tem problema porque tem uma parte dessa produção que o caju que agente trouxe de fortaleza o anão-precosse, só que ele já trouxe a tracnose, que existe lá e é controlado, tem a tecnologia, e aqui nos não temos, então hoje a gente não convive, se deparamos com o problema mas não temos assistência para fazer o controle, e tem semente que não produz a produção é muito pouca.

©2...E essa produção dos frutos cerrado, quando vocês trabalharam com a Fruta Sã, você sabem mais ou menos quantos milheiros ou tem uma base quantos bacuri vendia?

®... decorado não tem não, bacuri se não me falha a memória parece que a gente entregou lá vinte e seis mil bacuri. É caju, eu não lembro, mas foi mais de cinco caminhonete mais de cinco mil quilos, cajá também agente levou. Agora naquela época teve um grande problema lá, porque juntava com um de Amarantes e João Lisboa, Santa Maria, ai acumulava muito e apodrecia. Não tinha infra-estrutura na Fruta Sã.

©2...Quando foi isso mais ou menos?

®....noventa e sete, noventa e oito.

©2...Como funcionava assim, junta essas frutas? Os vinte e cinco milheiros de bacuri, todos os sócios participavam?

®....nem todos os sócios, a gente comprava na época que tinha um capital de giro que vinda do fundo fixo, ai a gente comprava de sócios e terceiros, até porque o bacuri mesmo e o cajá, tem muito sócio da cooperativa que não tem na área deles, agente encontra bastante na área de terceiros também, ai a gente comprava de sócios e de terceiros, a gente tinha os grupos de produção que já era criado pela cooperativa e naquele grupo de produção as pessoas se encarregavam de fazer a coleta, a gente tinha um radio amador que sempre comunicava, ai se fazia a coleta e o destino era Carolina, e tinha vez que a gente já pegava direto. Só que teve uma dificuldade muito grande, o caju por exemplo, a gente chegava a percorrer cento e cinquenta quilometro de estrada de chão, quando chegava lá não aproveitava a poupa.

©...E o retorno pro associado era em dinheiro?

®....era em dinheiro.

©...Uma parte ficava pra cooperativa e uma parte ficava pro associado?

®....sim

©2...E hoje o que essas pessoas fazem com essas frutas? Ainda vendem pra outras pessoas?

®....o bacuri sempre tem um comércio bom, o atravessador compra, porque tem pessoas pra mandar, pra vender para Maise, e pra a industria de polpa de fruta

©...Maise?

®....é uma industria de polpa de fruta de Belém, que ai congela os pacotão de polpa de fruta e vende. O bacuri é bem comercializado, agora o cajá também aqui perto da cidade tem algumas pessoas que tiram também, artesanal, ai eles compram aquela polpona congelada pra transforma. O caju é como eu to falando é só a castanha.

®2...Então o forte aqui da região é o cajá, caju e o bacuri?

®....o forte mesmo é o pequi e o buriti, agora o pequi e o buriti nunca chegou. Por parte da cooperativa a gente incentivou muito foi o doce caseiro do buriti, ainda tem uma mulher de sócio que produz, só que também não comercializa direto, a quantidade não é muito grande, e o pequi não tem muita saída ainda.

©...O que precisaria pra cooperativa hoje, dar um ânimo, tomar uma força pra continuar o trabalho?

®...precisaria o que nunca teve, capital de giro, um capital pra ela trabalhar por que até eu acho que um pouco do desanimo dos associados é porque nunca se teve um capital pra trabalhar a produção. Porque o que acontece, se a gente tivesse um capital de giro pra comprar a produção de sócio e terceiro, pra girar e a cooperativa gerar renda ela funcionava, algum momento que não tivesse produção de sócio suficiente para abastecer o comercio e vender para fora, pegaria a produção de terceiro também de forma comercial para ganhar dinheiro.

©2...Você disse que essa cooperativa foi criada antes de ter algum extrativismo, como foi esse processo, como foi criado?

®....foi incentivado, o Centru que é tipo uma ong, centro de cultura e educação do trabalhador rural, que chegou aqui na região em oitenta e oito, ai incentivando a criação de sindicato, e naquela época foi aquela história da reforma agrária "ou na lei ou na raça" depois da constituição e começou a incentivar. Primeiro foi a tomada dos sindicato da mão dos pelego, como dizia, que era o sindicato que era ligado ao governo, depois surgiu a idéia de criar as cooperativas, e foi trabalhada em quatro município, Estreito, Imperatriz, João Lisboa e Amarante, essas quatro cooperativa foi criada em noventa e dois.

©...As quatro existem ainda?

®....existem, estão do mesmo jeito, tem delas que esta fechada, eu acho que a nossa é que ta melhor, mais ai o e que eu acho hoje, depois que a gente passou a se capacitar mais, a vivenciar a vida da cooperativa, a gente vê que ela foi criada sem primeiro ter uma base, por que? A gente vê o caso do sul, no sul quem é agricultor é agricultor, ele tem convicção de produção, ele vive de produção e aqui nessa região é uma região mais pecuária onde o pessoal ta mais voltado pra criação de gado, sempre aproveita o extrativismo de auto consumo, para vender na feira, uma coisa assim. Depois desse incentivo, após ser criada essa parceria com o Ministério do meio ambiente, através desse Projeto Demonstrativo o PDA, a gente viu que até o próprio Ministério do Meio Ambiente estava fazendo uma experiência, tanto que esse fundo fixo que seria um capital de giro pra você comprar fruta, mas foi começado a comercializar, sem que você tivesse um mínimo domínio, não sabia, jogava um produto no mercado que não tinha uma divulgação, não tinha qualidade, não sabia como, foi a partir daí que foi se adquirindo experiência, vendo o que vendia mais. Hoje na cooperativa eu vejo quais são os canais mais, não adianta você tentar trabalhar uma coisa que ta fora da cultura do sócio, você tem que ir encontrando os caminhos.

©2...E como seria isso?

®....a visão que eu tenho hoje, em se tratando dessa parte ambiental a gente avançou, tem sócio que captou quase oitenta por cento do que se repassou e tem outros que não captou nada, ai pra começar a trabalhar o que ele tem. Fazer um estudo que a gente até começou a fazer, que eu propus pra nova diretoria, pra gente

fazer um estudo cada sócio, particularmente na sua propriedade, ver o potencial, ver o que ele pode, o que ele quer fazer dentro da aptidão dele. Isso é o que eu penso e dessa maneira tem como se reerguer, tendo um capital de giro pra poder fazer, por exemplo, a gente tem um caminhãozinho, você vai buscar duzentos quilos de banana, se você tem um capital de giro para comprar do terceiro também, você chega com o caminhão carregado.

©...Senhor Humberto, quais outros financiadores a Copaema teve além do PDA?

®....nós tivemos um financiamento de uma entidade da Holanda, parece que é a ....., também na área de cultura permanente e um pouco voltada pro extrativismo, mas mais voltada da cultura permanente.

©...E hoje por que não se procura novos financiadores e novos parceiros?

®....é, tem um financiamento do Banco do Nordeste, muito mal feito, que é o pior hoje, que deixou a cooperativa inadimplente, ta inadimplente, porque foi feito um projeto mal feito e teve a irresponsabilidade do bando que aprovou. O que acontecia, nós agricultor não tinha experiência de nada, de trabalhar com financiamento, lavoura mecanizada, com nada, e ai a gente fez um projeto de duzentos hectares de arroz sequeiro e pra desenvolver isso o banco financiou o investimento e um tratorzinho de pneu com duas grades.

©...Quando foi o financiamento e quanto?

®...foi em noventa e seis, e foi de cento e cinco mil.

©...Já foi pago?

®.... não, foi dada a primeira produção que nos tivemos de dois mil e pouco sacos de arroz, a gente vendeu e pagou e só deu vinte e um mil.

©....Então a Copaema tem uma dívida com banco do nordeste que hoje esta em quanto?

®....ta uns duzentos e pouco mil. E o problema é esse tamo inadimplente e não temos como pagar, porque tudo que a gente colheu no primeiro ano, por que em noventa e oito foi estiagem no município, ai o que a gente colheu pagou pro banco ai ficou sem nada (risos) e não pagou a conta (mais risos). O maior problema que eu vejo hoje na assistência técnica, foi no passado porque a gente teve na época desse Fruto do Cerrado poderia ter dado mais certo, nós tinha de um lado o CTI e o Centru, que seria a secretaria de coordenação do projeto, mas o que acontece, essas são entidades que sempre trabalham porque tem projeto, o próprio Centru, eu fui sócio mais de dez anos, hoje nem sou mais, eu vejo que não funciona, é uma entidade que vive de projeto de trabalhador, ai o que acontece, funcionou como assessoria nossa até um certo tempo, até que os quadro das liderança formada por eles chegou um nível que precisou mais conhecimento, e o Centru não teve condição. Temporariamente contrata um técnico, depois contrata outro nunca tem um serviço permanente e de qualidade. A Embrapa, muitas vezes a gente tem buscado tecnologia na Embrapa do Rio Grande do Norte, Fortaleza, porque essa aqui te mais voltada pra pecuária, pra soja, que é mais garantido pro governo. Hoje em dia tem uns técnico do governo, aparece um dia depois desaparece.

- Lista de associações visitadas.

Entidade	Nº de sócios	Atividade	Comentários
Ass. São José e Soninho. Município de Santa Maria do Tocantins responsável: Maria José	50 sócios	Processamento e comercialização de frutas. Viveiro de mudas com espécies nativas de plantas do cerrado para comercialização e distribuição.	A associação conta com o apoio da prefeitura municipal e governo federal (PDA), mas passa por dificuldades e necessita de mais apoio para se consolidar.
Ass. Comunitária do Rio Vermelho. Município: Centenário Responsável: Anchieta Campos	25 famílias 104 pessoas	Agricultura de grãos (arroz, feijão e milho), plantação de mandioca, 5000 pés de coco-anão, 6000 pés de caju ( <i>anacardium sp.</i> ) e 8000 ramas de maracujá.	A associação possui uma área de 1316ha comprados com financiamento do Banco da Terra (prazo 20 anos). Conta com o apoio da prefeitura local e da Ruraltins.
Ass. Comunitária Nossa Senhora do Socorro. Município de Centenário. Responsável Erley do Santos Santana	25 famílias 134 pessoas	Agricultura de grãos (arroz, feijão e milho), plantação de mandioca.	Aguarda regulamentação da área.
Ass. Comunidade Agrícola de São Patrício. Responsável Anisyo Ribeiro Neto. Município de Carolina	10 famílias 52 pessoas	Agricultura de grãos (arroz, feijão e milho), plantação da abacaxi, grande produção de Bacuri, possuem 2 tratores. Vacaria.	Área com 3000ha (cedida pela Faz. 13 pontos) Possui infra estrutura montada de galpões e frezers para processar polpa de bacuri, mas falta energia elétrica. Tem projeto pra plantar abacaxi financiado pela Comunidade Viva do Governo Federal
Ass. dos pequenos Produtores Rurais de São José dos Pereiras. Responsável. Paulo Lucena da Mota	40 sócios	Agricultura de grãos (arroz, feijão e milho), plantação de mandioca.	São José dos Pereiras é um povoado no município de Carolina onde residem 55 famílias (350 pessoas)
Ass. Povoado São João da Cachoeira responsável Maria Arlete município de Carolina	61 sócios	Projeto para implantação de "casa de farinha" Agricultura de grãos (arroz, feijão e milho), plantação de mandioca,	Possuem uma área de 100ha onde plantam roças comunitárias.
Ass. dos Pequenos Produtores Rurais Bezerra de Moraes (Faz. Solta). Responsável Elsom Barbosa. Município de Carolina	28 sócios	Agricultura de grãos (arroz, feijão e milho), plantação de mandioca. Possuem projeto para implantação de Casa de Farinha, plantação de coco-anão, caju e acerola.	Tem interesse em plantar espécies nativas como aroeira, cedro, pau-darco e frutíferas para recuperarem área degradadas e coletarem frutos.
Ass. dos Pequenos Produtores Rurais do Alto Sereno. Responsável Antonio Mario Pires	40 sócios	Sem atividades	Débito com o Banco do Nordeste

Ass. Rural 11 de Setembro (Alto Bonito). Responsável João de Deus Leite. Município de Riachão	40 sócios	Sem atividades	Débito com o Banco do Nordeste. Reclamam que o financiamento saiu após a época do plantio.
Ass. Pequenos Produtores Rurais de Picos. Responsável Manoel Gomes Taveiro. Município de Riachão	17 sócios	Sem atividades	Débito com o Banco do Nordeste.
Ass. Renascer do Bacuri. Responsável René do Carmo.	20 sócios	Sem Atividade	Débito com o Banco do Nordeste.
Ass. Copaema. Responsável Pedro Pereira Costa. Município de Estreito	68 sócios	Coleta e comercialização de frutos nativos.	Débito com o Banco do Nordeste.
Ass. Agrícola Viva Deus. Responsável Antonio Rodrigues Silva. Município de Estreito	50 famílias	Agricultura de subsistência (coletiva) Apoio do Pronaf de R\$9500,00 cada família (em andamento). Tem intenção de trabalhar com frutíferas nativas.	Assentamento Agrário Braço Forte. Precariedade, falta escola, abastecimento de água, falta apoio técnico.
Ass. Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Serafim. Município de Estreito	37 famílias	Agricultura de subsistência	Assentamento Agrário
Ass. Pequenos Produtores de Rancharia. Responsável Raimundo Nonato de Araújo.	85 associados	1000ha produzindo arroz, exploração de frutas nativas, tem projeto de carvoaria apoiado pelo IBAMA, e proposta para plantar 300ha de soja no próximo ano.	Contatos: Carlos Alberto Mother tel 99 5413466

## 2.4 – Educação

A questão educação nas regiões percorridas, é lamentável. A forma que os governos (Federal, Estadual e Municipal), tratam dessa questão, principalmente no estado do Maranhão. Não há estrutura nem de escolas, nem de professores, a não ser pela insistência de certos “professores” centenas de crianças correm atrás da alfabetização (algumas fotos em anexo podem esclarecer essa colocação).

©...Estamos aqui na localidade São José dos Bezerras, mais conhecida como São José dos Loros e vamos ouvir a professora.

®....Cleonice da Costa Ferreira..  
©...Dona Cleonice, conte me um pouco dessa história do magistério.  
®....daqui eu fiz magistério de quinze em quinze dias, passei dois anos fazendo magistério, era quinzenal nossos encontros e é dezoito quilômetros daqui até Carolina.  
®...E a Senhora fez o segundo grau lá em Carolina.  
©...nossa formatura foi trinta e um de agosto de dois mil.  
®...A senhora leciona aqui há quanto tempo?  
®....ta com dezesseis anos fixo, primeiro eu trabalhei depois sai, por que naquela época era muito.....eu comecei a trabalhar naquele tempo que chamava aquele projeto "projeto João-de-Barro", naquele tempo, eu sai porque foi o mês que eu fui ganhar neném ai fiquei uns cinco anos sem trabalhar, depois voltei a trabalhar novamente, comecei trabalhar em noventa e nunca mais sai.  
©...Conta um pouco como funciona, quantas crianças tem aqui na escola, como são as atividades...  
®....tem trinta e um alunos aqui, da primeira à quarta série.  
©...Mas cabem trinta e um alunos aqui dentro?  
®....mas agora as cadeiras são poucas, ainda não chegou ainda.  
©...Mas tem só dezesseis cadeiras!  
®...dezesseis cadeiras, mas nos trás as outras de minha casa, da casa da mãe quando eles vem todos ai nós coloca aqui. Aquele que vai acabando seu exercício eles vão trocando, porque tem cadeira que não tem braço, ai eu faço assim, você sede sua cadeira que tem braço pra ele fazer o exercício dele e você senta na outra e eles vão trocando, porque eles são todos unidos.  
©...Então são mais de trinta alunos numa sala de quinze metros quadrado e os alunos são todos da região? E qual a frequência dos alunos?  
®....são todos da região, a frequência deles é correta todo, só os que faltam porque tem deles que moram muito longe, como aquelas meninas do Sebastião, elas estudam aqui mas não vem todo dia.....elas faltam, mas os outros a frequência é sempre.  
©...A senhora é contratada pela prefeitura e tem um salário mínimo mensal?  
®...é  
©...A senhora tem outro benefício?  
®...não, só aquele salário.  
©...Outra coisa que quero perguntar é, essa trinta e uma crianças tem bolsa escola?  
®...tem não, nunca foi recebido, foi feito e nunca foi recebido.  
©...Outra coisa, e a merenda escolar?  
®....a merenda escolar vem todo mês, e é minha mãe que faz a merenda.  
©...e ela recebe pra fazer a merenda?  
®...não, recebe não, ela não recebe nada, só que ela recebe é buscar a água lá ó, trezentos metros daqui, pega água que são trezentos metros, ela recebe isso ai, buscar água e lavar os prato, ela não ganha nada. Dizem que quando não tem escola construída a merendeira não ganha, só ganha quando é construída.  
©...A senhora acha que com a construção do colégio aqui vai melhorar?  
®...vai, por que ai tem mais acesso, porque eles construindo a casa vai melhorar muito, vai melhorar dez por cento, já trouxeram até o motor e a gente nem vai mais pegar água na cabeça, nessa semana eles vão trazer a caixa e colocar o motor.  
©...Desde quando esta pra ser construída essa escola?  
®....agora que ta chegando  
©...Outra coisa, fora a merenda a prefeitura colabora com material didático?  
®....colabora, o material didático elas dão tudo, caderno, livro, tudo, tudo, tudo, os pais não compra nada, nada, nada.  
©...E esse negocio da bolsa escola, foi ou não feito?  
®...foi feito o cadastro das criança, e depois veio disse que não tinha sido aprovado, fizeram duas vezes. A Prefeitura mandou buscar, veio o carro, pras mãe ir fazer o

*cadastro e o dinheiro nunca chegou. Aqui nessa região ninguém nunca tirou a bolsa escola.*

- No município de Riachão:

©...*Aqui na Fazenda Santo Reis tem uma escola com ensino de primeira à quarta série e, o professor José vai contar um pouco pra gente como é que funciona essa escola, o método de aprendizagem, essas informações.*

®....*aqui na unidade escolar "Anselmo Ribeiro" a metodologia de ensino é através de livros didáticos, revistas, cartazes. Apesar de ser muito escasso os materiais para gente trabalhar e a dificuldade de chegar até a gente aqui material e, a gente eu como professor enfrento uma barra muito pesada de ensinar multi-seriado, quero dizer, de alfabetização à quarta série, numa sala só, além do tempo que é muito pouco a gente sente que os alunos não chegam ao objetivo que eles tem que alcançar para chegar a uma outra série. O apoio dos pais é muito importante, a gente marca reunião mas infelizmente é muito pouco os pais que aparecem no local marcada, para gente discutir e pedir a ajuda deles que eu acho que é essencial pra poder desenvolver esse tipo de ensino. Eu trabalho com catorze alunos, era dezesseis mas dois foram transferidos e hoje eu estou com catorze alunos, que variam de cinco até dezesseis anos. Eu trabalho com cinco alunos na alfabetização, dois, três na primeira série, é cinco da segunda série e mais dois.....da terceira série e dois da quarta série. Sobre o apoio da secretaria, aqui no momento ta muito fraco, a gente pede material, até mesmo uma pessoa para me auxiliar nos serviços gerais em termo de faxina, fazer a merenda quando aparece, pois é muito difícil, nós estamos aqui já no terceiro mês de aula e até o momento não apareceu nada, nem pessoa pra me auxiliar e nem merenda. A gente tem falta de material, mesmo livro, nem os alunos tem os livros completos, eu já fui várias vezes na secretaria mas infelizmente até agora não apareceu os livros para poder facilitar mais, ai a gente enfrenta uma barra muito pesada, como educador par mim foi a , foi o pior trabalhar multi-seriado sem o apoio da secretaria e dos pais e, a falta de material.*

- do lugar chamado corredores:

©... *Louarival Lopes Crus Como é lecionar aqui professor?*

®....*bom dia, em termos de aprendizado, alunos e até mesmo escolas, a gente não temos muita coisa, quero dizer não é algo muito bom, até mesmo porque as condições não são as melhores, como você mesmo ta vendo, não é aquilo que um aluno tem seu direito de ter e também não é aquilo que a gente tem de bom pra trabalhar.*

©...*Quantos alunos você tem matriculado?*

®....*eu trabalho com quarenta e dois alunos em dois períodos, pela manhã e pela a tarde.*

©....*Qual a idade dos alunos?*

®....*de seis anos até quarenta, quarenta e dois anos.*

©...*Como você trabalha, crianças e adultos, todos juntos.*

®....*aqui é, eu trabalho com quatro séries, primeira, segunda, terceira e quarta, ai eu fiz uma divisória aqui, primeira e segunda série por parte da manhã, terceira e quarta na parte da tarde.*

©...*Material didático?*

®....*só alguns livros e bem pouquinho, nem pra todas as séries, caderno e caneta tem por ai, mas não é aquela coisa boa que os alunos deveriam ter*

©...Qual a maior necessidade aqui hoje, professor Lourival?

®....pra ser sincero a maior necessidade praticamente é tudo, porque escola não tem, tem isso ai, não temos quadro, não temos banco, não temos carteira, nem armário, não temos nada, praticamente nada, então a necessidades tem de tudo.

©...Você vem de onde?

®...de Campos Lindos, passo aqui quinze dias, de lá aqui são oitenta e cinco quilômetros de estrada precária. Eu venho no sacrifício, porque o salário que eles pagam pra gente, não é aquele salário pra ficar satisfeito.

Salvo exceções:

©...Qual é o nome do senhor?

®3...Raimundo Martins de Souza, presidente da associação soninho.

©...Pode falar.

®3...eu quero falar um pouco sobre educação, na nossa associação, é que a gente teve um avanço não é, porque principalmente eu e outros colegas que tem lá, não tinha condições de estudar, quer dizer tinha condição de estudar se tivesse escola, tinha uma escolinha pra fazer o primário, aí hoje a gente conseguiu com o prefeito arranjar essa escola até a oitava série, aí eu que não tinha pensamento de estudar porque morava no sertão, to estudando, e foi uma coisa que avançou muito porque depois que eu passeia estudar, eu já entendo mais um pouquinho e cada vez que vai estudando vai aprendendo mais um pouco.

©2...Então hoje você agradece isso ao prefeito.

®3...é a gente agradece ao prefeito e a associação, que nos deu apoio né. Ta trabalhando na associação a gente ta muito feliz porque a gente tinha aquele sonho, mas a gente não pensava que saia assim tão rápido, mas saiu graças a Deus, hoje tem escola e tamos estudando, e se Deus ajudar vamos continuar.

©2...O sonho de tanto tempo se realizou!

®2...isso também é graças ao grupo, porque precisou das pessoas estar lá reunidas para gente conseguir uma escola de segundo grau, e não ter só até a quarta série, agora a gente tem até a oitava, então isso também ajuda os pais e os filhos a não sair para cá.

®....esse projeto nosso é a preocupação de manter o povo rural dentro da sua propriedade, nós colocamos o ensino médio na área rural, levamos o professor com duas motos para fazer o transporte do professor, porque é mais econômico. Assim a gente consegue colocar escola rural de quinta a oitava série, mas algumas foram fechada conforme eles comentaram por falta de número de alunos. Uma escola dessa tem que ter dois professor, merendeira e é um gasto muito alto, duas escolas estão funcionando dessa maneira, que é na associação São José e na Santa Rosa. Tinha outra no Soninho, mas fechou, então isso aí é para o pequeno produtor que não teve a oportunidade de estudar ter uma escola na sua região e ele não precisar se deslocar para a cidade.

A situação é tão precária que nos remeta apenas a tirar nossas próprias conclusões após ler tais depoimentos.

Quanto ao povo *TIMBIRA*, durante nosso trabalho, ministramos um curso para capacitação de jovens, curso de três dias que abordou o tema

'gestão territorial' utilizando como exemplo principal as atividades que estávamos realizando. Como resposta para nosso trabalho, foi observado que todas as terras indígenas de alguma forma vem sofrendo influências danosas ao seu entorno, quer seja pela sojicultura, ou pela agropecuária extensiva, ou ainda pela própria população de "cupem" como são chamados os brancos. A seguir, alguns exemplos citados pelos alunos do curso, após ter sido realizado a elaboração de mapas e questionados sobre "problemas dentro e no entorno do território"<sup>9</sup>:

- TI Apinajé, Município de Tocantinópolis, informante Moacir.
  - Estrada que vai até Maurilândia tem um lixão da prefeitura.
  - Povoado Ribeirão Grande, próximo a TI, onde as pessoas invadem a área para caçar, tirar madeira e frutas.
  - Barragem Serra Quebrada no rio Tocantins, caso haja a construção a aldeia Mariazinha ficará inundada.
  - No entorno da TI a maioria das terras são pastagens e não mais vegetação do cerrado.
- TI Gavião, Município de Amarante do Maranhão, informante Marcos.
  - Estrada que corta toda TI que liga Amarante à Campo Formoso.
  - Há muita retirada de madeira nas margens da estrada.
  - Todo dia passa caminhão carregado de madeira.
  - Tem no entorno muitas carvoarias.
  - Tem no entorno muito pasto.
- TI Canela, informante Olímpio, município Barra do Corda.
  - O problema nosso foi que em janeiro deste ano nós colhemos bacuri e a Frutasã não comprou, falou que não tinha poré (dinheiro)<sup>10</sup>.
- TI Krahô, informante Simão, município Goiatins
  - Tem problemas de posseiros.
  - Tem problemas com propriedades vizinhas.
  - Tem plantação de soja perto da aldeia Galheiro, aldeia Santa Cruz e aldeia Bacuri
  - Tem no entorno as fazendas São Miguel e Tanaju e uma perto da aldeia Morro do Boi, que plantam soja.
- TI Krikati, Informante Mariano, município de Montes Altos

---

<sup>9</sup> As colocações seguem a forma com que foram relatadas pelos índios.

<sup>10</sup> Entrevista gravada na língua.

-Tem problema com madeireiro retirando madeira na Serra do Caboclo Velho.

-Tem só pastagem no entorno.

Apesar de ser um a atividade prevista, a participação na escola Timbira auxiliou e foi extremamente importante os relatos em relação a sojicultura, a realidade em seus territórios e os trabalhos desenvolvidos pela Associação Vyty-Cati. Essas informações nos orientaram na elaboração da proposta final, nesse documento.

## **CONCLUSÕES**

As informações levantadas, mostram o forte impacto da sojicultura sobre a biodiversidade do cerrado nas regiões estudadas. O avanço desordenado, descontrolado e muitas vezes ilegal de grandes plantações do monocultivo, vem alterando não apenas o frágil ecossistema vegetal e animal da região, como também os sistemas tradicionais de subsistência de suas populações característica, os pequenos produtores rurais que ficam a mercê de grandes investidores e as populações indígenas que estão tendo suas reservas naturais sendo alteradas por processos degradatórios, tanto dentro, como no entorno de suas terras.

As pressões que esses danos vem exercendo sobre os chamados "pequenos produtores rurais" e das "populações indígenas", são notórios e alarmantes e, vem prejudicando significativamente esses dois grupos populacionais.

No caso das lavouras de soja, foram identificadas in loco nos dois estados, inúmeras áreas com plantações ou terras sendo preparadas para o cultivo da monocultura. A monocultura da soja tende aumentar o tamanho das áreas cultivada nesses dois estados, duplicando já para o próximo ano.

Para as Considerações Finais, atento que as regiões visitadas no Maranhão e Tocantins apresentam grande incidências de áreas prioritárias para conservação, uma vez que, são áreas mais sujeitas à pressão antrópica, e que já vem sofrendo ou sofrerão impactos futuros, caso sejam mantidas as atuais tendências de evolução da ocupação desordenada na região.

## **POLÍTICAS PÚBLICAS**

Linhas de ações propostas:

1. Realizar um levantamento nos departamentos públicos federais, estaduais e municipais (Incra, Ibge, Ibama, Ministério da Agricultura, Secretarias Estaduais de Agricultura, Casa de Agricultura, etc) reunindo informações sobre:
  - a. Quem são os produtores de soja na região (particulares, empresas, grupos nacionais e estrangeiros);
  - b. Quais são e onde estão as principais áreas cultivadas;
  - c. Quais as novas solicitações, concessões ou licenças para exploração de novas áreas;
  - d. Averiguar o cultivo ilegal de OGM (Transgênico);
  - e. Quais as propriedades exploradas que são averbadas e possuem Reserva Legal.
2. Inventariar o maior número de grupos ou associações na região de estudo. Realizando uma convocação (via radio am/fm) para cadastramento e avaliação da situação de cada uma (incluindo projetos realizados, experiências bem sucedidas, inadimplência, etc);
3. Realizar programas de capacitação para entidades comprometidas em "manter o cerrado em pé" (informar sobre a importância do Bioma; manejo controlado de queimadas; dar apoio para renegociação das dívidas, articulando e envolvendo a Procuradoria Federal, uma vez que os bancos agiram de má fé; difundir a proposta de atividades sustentáveis);
4. Apoio para os pequenos produtores que praticam atividades de subsistência (elaboração de uma cartilha informativa de "quintais produtivos"; aproveitamento dos frutos do cerrado, melhoria ao atendimento de saúde e educação, etc);
5. Viabilizar a construção de uma Escola Agrícola para jovens, num modelo 15 por 15, ou seja, quinze dias na escola e os outros em casa.
6. Reavivar o Projeto Frutos do Cerrado, de forma estruturada e com garantias de absorção e distribuição da matéria prima (em forma de polpa ou in natura).

Fica então as seguintes propostas junto ao povo timbira:

1. Realização de Diagnósticos Etnoambientais nas TI Timbira.
2. Realização de um controle territorial mais efetivo por parte da Funai.
3. Elaboração de um plano para reavivamento das divisas.
4. Criar, desenvolver e apoiar projetos de cunho sustentável, cultural e econômico com o povo Timbira.

Além da sojicultura, outra questão alarmante, refere-se a construção de barragens no Rio Tocantins e as pequenas centrais hidroelétricas (Pch's) no Rio Farinha, mais precisamente na cachoeira do Prata e cachoeira São Romão, locais de beleza cênica exuberante. Nesse caso fica a indicação para se propor a criação de unidades de conservação de usos direto e indireto, ou ainda, reservas extrativistas, nas seguintes localidades:

1. Resex: São Pedro dos Tavares (conforme indicado nas transcrições e coordenadas)
2. Resex: Região de Balaio, Fornos, Axixá e Cabeceira dos Fornos.
3. Resex: nas áreas de influência do Rio Tocantins nos municípios visitados.
4. UC ou resex: na região determinada corredores, divisa com a TI Krahô.
5. Propõe se ainda: criação de RPPN's em forma de corredores, ou seja, a interligação de várias rppn's uma ao lado da outra.

Se o proposto for criar reservas extrativistas, as regiões mais indicadas são: Balaio, Forno, Cabeceira do Forno e Axixá, áreas com potencial, para categorias de UC. A região é bastante conservada e pouco antropizada, com poucas casas, as pessoas que moram nessa região tem um grau de esclarecimento maior, apesar de passarem por muitas dificuldades, quanto a questão da educação e saúde.

Brasília, Centro de Trabalho Indigenista, 2004